

13-14

1917

# TERRA PORTUGUESA

REVISTA ILUSTRADA DE ARQUEOLOGIA ARTISTICA  
E ETNOGRAFIA



LISBOA

Na Oficina do Anuario Comercial, Praça dos Restauradores, 24.

MCMXVI

# SUMARIO

N.ºs 13 e 14 — FEVEREIRO E MARÇO DE 1917

	Pag.
Janeiras — <i>Dr. Severo Portela</i> .....	1
Etnografia Portuguesa — 1. Habitações da Beira-Mar — <i>Dr. A. Mesquita de Figueiredo</i> .....	2
Casas de Portugal — I — A Casa dos Patudos — <i>José Queiroz</i> .....	7
La roche peinte de Valdejunco à la Esperança, près Arronches (Portalegre) <i>Prof. H. Breuil</i> .....	17
«Una evolucion y una revolución de la arquitectura española» (1480-1520) <i>D. José Pessanha</i> .....	27
Idolos-Placas — Arte Preistórica — <i>Dr. Vergilio Correia</i> .....	29
Tapetes de Arrayollos — A nossa exposição .....	36
Arcos romanos de Portugal — <i>Dr. Vergilio Correia</i> .....	38
Notas: 1. <sup>a</sup> ) O movimento archeologico em Espanha — <i>A. M. de Figueiredo</i> .....	42
2. <sup>a</sup> ) A Anta do Torrão — <i>Patrocínio Ribeiro</i> .....	43
3. <sup>a</sup> ) As ilustrações da Historia de Portugal de A. Herculano — <i>A. M. de Figueiredo</i> .....	43
Cronica:	
Prof. H. Breuil — Exposições de Arte — A «Terra Portuguesa» e o «Integralismo» — Livros: «Anuari» do Institut d'Estudis Catalans; <i>Paleolitico de Cueto de la Mina (Asturias)</i> ; <i>Os Arquivos da Historia Portugal no Estrangeiro: A Função Social dos Estudantes</i> ; <i>Sobre a abertura nasal do crâneo dos mamiferos</i> ; <i>Anuario da Casa Pia de Lisboa</i> ; <i>A Aguia</i> ; <i>Atlantida</i> ; <i>Arte Romanica</i> ; <i>A Esphinge</i> ; <i>Alba</i> ; <i>Agros</i> ; <i>Coimbra</i> — n.º 3; <i>Lusa</i> ; <i>Album dos Vencidos</i> ; <i>Os que triunfam</i> ; <i>O Presepio</i> ; <i>Alem-Mar</i> ; « <i>Estudis I Materials</i> » do Arxiu d'Etnografia I Folk-lore de Catalunya.	

## ASSINATURAS

(Pagamento adeantado; cobrança á custa do assinante)

SEMESTRE

PORTUGAL .....	1\$20	ESTRANGEIRO .....	7 frs.
AFRICA E INDIA .....	1\$40	BRAZIL .....	7\$00

**Preço d'este numero: \$40**

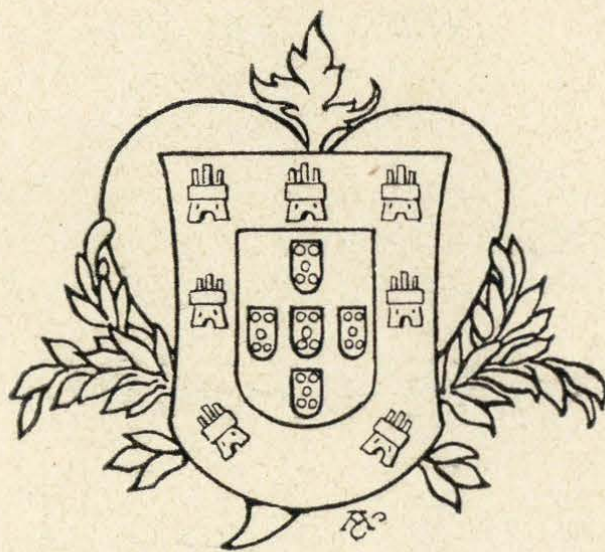
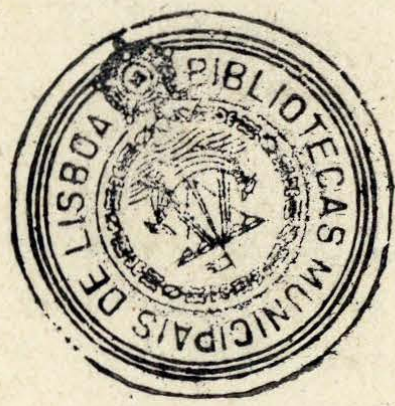
ABR. 1957

# TERRA PORTUGUESA

REVISTA ILUSTRADA DE ARQUEOLOGIA ARTISTICA  
E ETNOGRAFIA

(3.º VOLUME)

1917



NA OFICINA DO ANUARIO CO-  
MERCIAL — PRAÇA DOS RES-  
TAURADORES, 24 — LISBOA

TERRA

PORTELLUCUESA

DE LA BIBLIOTECA DE LA UNIVERSIDAD DE MADRID

1710

## INDICE DO 3.º VOLUME

### ARQUEOLOGIA MONUMENTAL

Una evolución y una revolución de la arquitectura española (1480-1520) — <i>D. José Pessanha.</i>	27
Arcos romanos de Portugal — <i>Dr. Vergilio Correia.</i>	38
A architectura pre-românica em Portugal (Lourosa) — <i>D. José Pessanha.</i>	49
Nossa Senhora de Cárquere — <i>Dr. Vergilio Correia.</i>	56
Velhas portas de antigos castelos — <i>Ribeiro Christino</i>	61
A egreja romanica de Font-Arcada — <i>P.º Manoel de Aguiar Barreiros</i>	64
A Renascença na Peninsula (A proposito de um discurso do sr. Lampérez y Romea) — <i>D. José Pessanha</i>	167
A Sé Velha de Coimbra — <i>D. José Pessanha</i>	184
O Templo das Siglas — A igreja da Ermida do Paiva — <i>Dr. Aarão de Lacerda</i>	220
O Mosteiro de S. Paulo de Almaziva a par de Coimbra — <i>Dr. A. Mesquita de Figueiredo</i>	241

### ANTROPOLOGIA — ICONOGRAFIA

Iconografia Portuguesa	55
Uma medalha portuguesa — <i>Martinho da Fonseca</i>	79
Estudos da Etnogenia Portuguesa — Os habitantes primitivos do territorio — <i>Dr. A. A. Mendes Correia</i>	236

### ARTE DECORATIVA

Casas de Portugal — I — A Casa dos Patudos — <i>José Queiroz</i>	7
Tapetes de Arraiolos — A nossa Exposição	36
Casas de Portugal — II — Casa dos Viscondes do Marco — <i>José Queiroz</i>	70
Azulejos portuguezes na ilha de S. Miguel (Açores) — <i>Dr. Vergilio Correia</i>	93

### ETNOGRAFIA — ARTE POPULAR

Janeiras — <i>Dr. Severo Portela</i>	1
Etnografia Portuguesa — I — Habitações da Beira-Mar — <i>Dr. A. Mesquita de Figueiredo</i>	2
Trajos populares minhotos do meado do sec. XIX — <i>V. C.</i>	54
A arte rustica em Evoramonte — <i>Antonio M. do Carmo</i>	91
Um tear de Castelo de Vide — <i>Luis Keil.</i>	92
O Povo da minha terra — Notas e registos de etnografia alcobacence — <i>M. Vieira Natividade</i>	97
O Museu Etnografico de San Sebastian — <i>V. C.</i>	170
Tecelagem caseira — As mantas de Terroso — <i>Manoel Silva</i>	172
Do Alentejo — II — A «Coca» ou «Mantilha» de Portalegre — <i>D. Sebastião Pessanha.</i>	174
Rendeiras de Niza — <i>Luis Keil.</i>	175

## INDICE

Do Alentejo — III — Jaezes ornamentados (Beja) — <i>D. Sebastião Pessanha</i> .. .. .	177
Lenços marcados — <i>D. Sebastião Pessanha</i> .. .. .	179
O Çapateyro de Trancoso — <i>Dr. Severo Portela</i> .. .. .	180
Scenas da vida portugueza (Fim do seculo XVIII) — <i>Luis Keil</i> .. .. .	182
I — «Manière de porter les barriques de vin», e II — «L'enfant Jesus», aguarelas de <i>Zacharie Felix Doumet</i> .. .. .	183
III — «Les approches de la Noël» — aguarela de <i>Z. F. Doumet</i> .. .. .	192
O carro rural português — I — <i>Dr. Vergilio Correia</i> .. .. .	193
A Feira da Rosa (Minho) — <i>Alfredo Guimarães</i> .. .. .	209
As tecedeiras de Arneiroz (Lamego) — <i>Conego Vitor Oliveira</i> .. .. .	217
A Soberania do bombo — <i>Dr. Veiga Simões</i> .. .. .	225
Antigos mercados portuguezes — <i>Luis Keil</i> .. .. .	233
IV e V — «Marché portugais», aguarelas de <i>Z. F. Doumet</i> .. .. .	234
VI e VII — «Autre marché portugais», aguarelas de <i>Z. F. Doumet</i> .. .. .	235
Casa dos Patudos — «A visão de S. Paulo» de <i>Domingos Antonio de Sequeira</i> ..	(em folha solta)
Casa dos Viscondes do Marco, na Junqueira — Sala de jantar.. .. .	(em folha solta)
Velho trajo da região serrana (1850) — aguarela de <i>Alberto Sousa</i> ..	(Tricromia em folha solta)
Interior de cozinha — Casal do Rei — aguarela de <i>Alberto Sousa</i> ..	(Tricromia em folha solta)
«Atafal» alentejano (Beja) — Pastel de <i>Antonio Carneiro</i> .. .. .	(Tricromia em folha solta)

### ARTE PREISTORICA — ARTE ANTIGA

La roche peinte de Val de Junco à la Esperança, près Arronches (Portalegre) — <i>Prof. H. Breuil</i> ..	17
Os Idolos-placas — Arte Preistorica — <i>Dr. Vergilio Correia</i> .. .. .	29
Movimento archeologico em Espanha — <i>A. M. de Figueiredo</i> .. .. .	42
A Anta do Torrão — <i>Patrocínio Ribeiro</i> .. .. .	43
As ilustrações da Historia de Portugal de Alexandre Herculano — <i>A. M. de Figueiredo</i> .. ..	43
Le char et le traîneau dans l'art rupestre d'Estrémadure — <i>Prof. H. Breuil</i> .. .. .	81
Um baculo — <i>Francisco Lage</i> .. .. .	87
Arqueologia iberica — <i>V. C.</i> .. .. .	80 e 86
Antas do Alentejo — <i>Dr. Vergilio Correia</i> .. .. .	171
Lusitanos fóra da Lusitania — <i>Dr. A. Mesquita de Figueiredo</i> .. .. .	213
Bartolozzi e Benjamim Comte (Documentos para a historia da gravura em Portugal) — <i>José Queiroz</i> .. .. .	227
Arte espanhola — <i>V. C.</i> .. .. .	216
O Paleolitico português — Descobrimentos — <i>V. C.</i> .. .. .	224
Cronica .. .. .	45, 94, 176, 229 e 248

# TERRA PORTUGUESA

DIRECTOR LITTERARIO:  
VERGILO CORREIA

EDITOR E PROPRIETARIO:  
D. SEBASTIÃO PESSANHA

DIRECTOR ARTISTICO:  
ALBERTO SOUZA

ANNO 2.<sup>o</sup>—N.<sup>os</sup> 13 e 14

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
Rua Rodrigo da Fonseca, J. P.—Lisboa  
Comp. e imp. na Typ. do Anuario Commercial  
Praça dos Restauradores, 24—Lisboa

FEVEREIRO E MARÇO  
DE 1917

## JANEIRAS

EM todo o norte, a partir do Mondego para cima, as janeiras são ainda hoje a saudação gratulatoria do encetar do ano novo. Nas Beiras, as provincias heraldicas, que, defesas em serrania, resistem com denodo ao despaisamento lusitano, assumem elas um character de ritornello melodiosissimo. Porque as não haja visto até agora registadas em qualquer collectanea, ahi ficam as janeiras que as populações das vertentes da Serra da Estrella entoam, palmilhando sobre a neve. Janeiro é o mês que marca a fortuna do lar beirão, a despeito de contratempos mil, ainda um dos mais excelentemente providos em todo o territorio de Portugal. O vinho foi já vendido, a maçã açambarca os arcazes, o queijo enlourece nas cantareiras, os salpicões pendem em cambulhos ao de riba das trempes aquecidas a lenha enxuta, o grão cogúla nas tulhas, assegurando o passadio até á colheita, que virá a seu tempo. Como, pois, não ha-de o beirão herminio patentear-se jocundo, ao ouvir a toadilha harmoniosissima das janeiras, que o convidam a dar, a saborear da sua esplendidamente provida dispensa, que rescende que nem adega de frades abastados!?

Estas casas são bem altas,  
Forradinhas de cortiça!  
Dae-nos cá uma janeirinha  
Ou de carne ou de chouriça!

Estas casas são bem altas,  
Forradas de papelão!  
Dae-nos cá uma janeirinha  
Ou de queijo ou de pão!

Acabadas são as festas  
Do Natal e mais dos Reis!  
Vêde lá por essas casas  
Se ha janeiras que nos deis!

Janeiras pedimos,  
Saco trazemos,  
Dae-no-las cá,  
Que nós nos iremos!

Oxalá um dos nossos musicos podesse haurir, para uma rapsodia nacional, a melodia com que são vasadas estas adoraveis incorrecções metricas. . . Teria pretexto para, cumulativamente, levar a cabo uma obra de beleza e uma obra de fé, redentoras.

SEVERO PORTELA.

# ETNOGRAFIA PORTUGUESA

## 1. HABITAÇÕES DA BEIRA-MAR

### I



estudo da habitação humana é um dos mais importantes capitulos da etnografia. O homem primitivo teve por primeiro abrigo uma caverna ou a anfratuosidade dalgum rochêdo. Em seguida, modificadas as circunstancias da vida e revelando já um certo desenvolvimento intelectual, aparecem os primeiros abrigos artificiaes, constituídos por imitações rudimentares da caverna ou por um simples biombo formado de ramadas e troncos d'arvores, biombo que, por adiconamentos sucessivos, conduz à cabana de base circular e forma cilíndrica conica, que constitue o tipo commum da habitação artificial fixa primitiva. Esta linha de evolução está perfeitamente constatada pelos etnografos na observação dos selvagens modernos mais atrasados, e pelos archeologos no exame dos vestigios que restam das habitações do homem primitivo antehistorico (1).

Vitruvio, architecto romano, que viveu no I seculo a. de J. C., descreve assim a origem e evolução da habitação humana (2): — «... começaram os homens, uns a fazer cabanas com folhas, outros a cavar abrigos nas montanhas, ainda outros, imitando a industria que as andorinhas mostraram na construção dos ninhos, fizeram habitações com pequenos ramos

(1) M. Hoernes, *Les plus anciennes formes de l'habitation humaine et leur relation avec le développement général de la civilisation*, in SCIENTIA, 1911, n.º 3, p. 97 e segs. Cfr. do mesmo A.: *L'uomo, storia naturale e preistoria*, Milano, II, cap. 4.º, e, *Urgeschicht des Menschheit*, Leipzig, 1897, pag. 24. — Oskar Montelius, *Zur aeltesten Geschichte der Wohnhauses in Europe, spenciell im Norden*, in ARCHIV FUR ANTHROPOLOGIE, XXXIII, 1895, p. 451-465. — Heinrich Schurtz, *Urgeschichte der Kultur*, Leipzig, Wien, 1900, cap. IV. — Federico Ratzel, *Las razas humanas*, I, Barcelona, 1888, p. 43-46. — J. Deniker, *Races et peuples de la terre*, Paris, 1900, p. 191-201. — Jacques Flach, *L'origine historique de l'habitation et des lieux habités en France*, Paris, s. n. d. — Ch. Garnier e A. Ammann, *L'habitation humaine*, Paris, 1889.

(2) *De Architectura*, lib. II, capitulo I.



FIG. I — CASA TIPICA DA COVA DE LAVOS



## ETNOGRAFIA PORTUGUESA

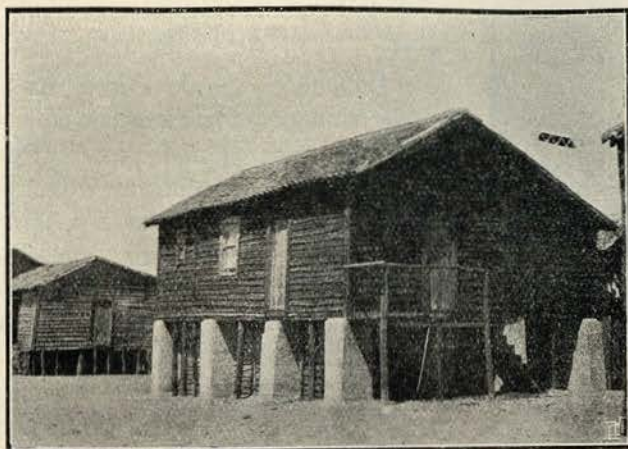


FIG. 2 — CASA DA COVA DE LAVOS, ASSENTE SOBRE PILARES DE ALVENARIA

peças de madeira, cobrindo tudo com juncos e folhas d'árvores, para se precaverem do sol e da chuva. Mas, como esta especie de cobertura não bastava contra o mau tempo do inverno, elevaram madeiramentos inclinados e bem revestidos de terra amassada, para que as aguas escorressem. O que leva a admitir que as primeiras habitações foram construídas deste modo é que vemos ainda hoje casas construídas com estes mesmos materiaes em nações estrangeiras, como na Galia, na Hispania, na *Lusitania* e na Aquitania, onde as casas são cobertas de colmo, ou de ripas feitas de troncos de carvalho fendidos á maneira de telhas».

Esta referencia directa à Lusitania é preciosa e está perfeitamente confirmada pelos dados da arqueologia: as casas de Santa Olaya e do Crasto, cujos restos foram sabiamente estudados e descritos por Santos Rocha, cabem por completo na descrição de Vitruvio (1).

Restos de cabanas circulares construídas de pedra, e cuja cobertura naturalmente seria de colmo, encontram-se em Sabroso, na Citania de Briteiros, em Monte Redondo e Santa Marta nos arredores de Braga, e em Santa Luzia, Vianna do Castello, estações d'origem preromana (2).

Cabanas de tipo primitivo são ainda construídas na actualidade, encontrando-se nos arredores de Coimbra, na Beira Baixa, na Extremadura e no Alemtejo (3).

(1) *Portugalia*, II, p. 320-322; 499.

(2) Dr. Felix Alves Pereira, *Habitacões castrejas do norte de Portugal*, n.º XIV dos *Estudos do Alto-Minho*, Viana do Castelo, 1914, 25 p., separata da LIMIA.

(3) Dr. Vergilio Correia, *As cabanas da Assafarja*, in *A AGUIA*, VI, 1915, p. 38-45.



FIG. 3 — COVA DE LAVOS. CASA MEIO SOTERRADA NA DUNA, COM PALISSADA DE PROTECÇÃO



FIG. 4 — VELHOS BARCOS APROVEITADOS PARA ARMAZENS.  
BUARCOS E COVA DE LAVOS

publicando uma admiravel memoria sobre — *Os palheiros do littoral* (1). Neste importante trabalho, que abre por uma introdução geral sobre a habitação portuguesa, o malogrado etnografo trata das habitações dos pescadores da costa ocidental portuguesa, dirigindo especialmente a sua atenção para as casas sobre estacas, que se encontram construidas nas dunas do Atlantico, em Mira, Cova de Lavos e Vieira.

Foi o Professor Z. Consiglieri Pedroso quem primeiro se ocupou destas interessantes habitações, em comunicação feita à Academia Real das Sciencias de Lisboa, em sessão ordinaria de 22 de março de 1895.

«Cortegaça, Furadouro, Torreira, S. Jacintho, Tócha e outras praias do littoral extremenho e algarvio são po-

(1) *Portugalia*, I, p. 79-96. Cfr. *Revue de l'Ecole d'Anthropologie de Paris*, 1899, p. 167, e Déchelette, *Manuel d'archéologie préhistorique*, I, Paris, 1908, p. 366, nota (2).

Dum modo geral, pode afirmar-se que os modêlos tradicionaes de habitação varíam segundo as regiões naturaes onde se encontram: à beiramar, à ribeira, à serra, correspondem certos tipos de casa, condicionados pelo determinismo mesologico e antropogeografico, que, de resto, regula em absoluto todas as outras manifestações da vida economica e social.

Rocha Peixoto, o nosso maior etnografo, iniciou o estudo etnografico rigoroso da habitação portuguesa,



FIG. 5 — CASA TÍPICA DA PRAIA DA VIEIRA, AO SUL DA FOZ DO LIZ



FIG. 6 — CASA DE VIEIRA, COM VARANDAS CORRIDAS

## ETNOGRAFIA PORTUGUESA

voações em que o labor quasi exclusivo dos habitantes é a pesca. Nestas predomina o palheiro de taboado, excluindo-se quasi toda a habitação erguida com qualquer outra natureza de materiaes. E em variada proporção se encontra, quasi numa immutavel traça, em Sedovem, Villa Chã, Granja, Espinho, Cortegaça, Maceda, Quiaios, Buarcos, Lavos, Leirosa, Pedrogão, Ericeira, no Algarve, por fim.»

Quem ler com o animo desprevenido esta passagem da memoria de Rocha Peixoto, pode ser induzido ao erro de julgar que na costa do Algarve são communs os «palheiros de taboado», o que não é exato, porque, nesta região, como veremos em seguida, a este tipo de habitação correspondem as «cabanas» dos pescadores feitas de materiaes vegetaes, d'aspecto e traça não menos primitiva.

Algumas das casas da Cova de Lavos perdem um pouco o seu aspecto primitivo, porque as estacas de suporte vão sendo substituidas, no todo ou em parte, por pilares d'alvenaria (fig 2), facto que Rocha Peixoto não notou no seu escrito, e tem paralelo no que observei nas cabanas algarvias e adeante menciono, representando uma transição para mais completa substituição de materias constructivas, embora não havendo afastamento do tipo tradicional traçado pelas circunstancias imperiosas do meio, o que representa um fenomeno admiravel de adaptação.

O motivo que obriga o pescador a construir as suas casas sobre estacas altas, é o evitar o perigo da habitação ser soterrada naquella solo movediço da duna, o que, ainda assim mesmo, algumas vezes succede, tendo então de recorrer ás palissadas protectoras (fig. 3), enquanto não muda residencia para outro local.

Algumas das casas sobre estacas da praia da Vieira (figs. 5 e 6), ao sul da foz do Liz, que estudei em julho de 1914, apresentam certa variante das casas da Cova de Lavos: é a existencia da grande varanda coberta que segue em toda a extensão da fachada, para onde dá a escada d'acesso.

Casas deste tipo não se encontram já em S. Pedro de Muel.



FIG. 7 — CABANA DE PESCADORES ALGARVIOS



FIG. 8 — CABANAS DE PESCADORES EM MONTE GORDO  
(PERTO DE VILA REAL DE SANTO ANTONIO)

## ETNOGRAFIA PORTUGUESA

### III

No vasto littoral da provincia do Algarve, região natural, que por si só forma uma unidade etnografica nitidamente diferenciada, abundam as povoações de pescadores, cujas habitações são constituídas em grande parte por típicas «cabanas», construídas de materias vegetaes, com base rectangular e a cobertura de duas aguas, as quaes correspondem, como já dissemos, aos «palheiros de taboado» da costa occidental portuguesa.

São extremamente caracteristicas estas construcções, impressionando na sua rudeza e primitividade e fazendo lembrar, quer no seu conjunto quer isoladamente, as vivendas de muitos povos naturaes (figs. 7, 8 e 9).

Para o exterior, apenas tem uma porta com postigo, aberta na fachada principal, que é quasi triangular: é a unica entrada da habitação, a cujo lado esquerdo, entrando, se encontra, no geral, a lareira, sem chaminé. Interiormente, tem só dois compartimentos, sendo maior o de entrada, que serve de cozinha, e, ao fundo, uma pequena alcova (fig. 11).

Em algumas localidades, como em Monte Gordo, bela praia de banhos, junto a Vila

Real de Santo Antonio, estas construcções subsistem, a par de outras muito mais ricas e importantes, com a sua feição de *chalets de brasileiro*: noutras, como nos *arraiaes* das muitas armações d'atum, que há pela costa, ellas constituem o tipo exclusivo da habitação existente, dando até origem ao nome local dalguns povoados como: *Cabanas da Conceição*, perto de Tavira, *Cabanas da Armação*, etc.

Fenomeno notavel de persistencia do mesmo tipo de construcção e d'apêgo às formas tradicionaes, observa-se em algumas cabanas, que começam a ser construídas em parte d'alvenaria, sómente as fachadas principaes, mantendo todos os outros caracteristicos da edificação primitiva e formando como que um tipo de transição para a completa substituição de materias (fig. 10) e talvez de tipo construtivo.

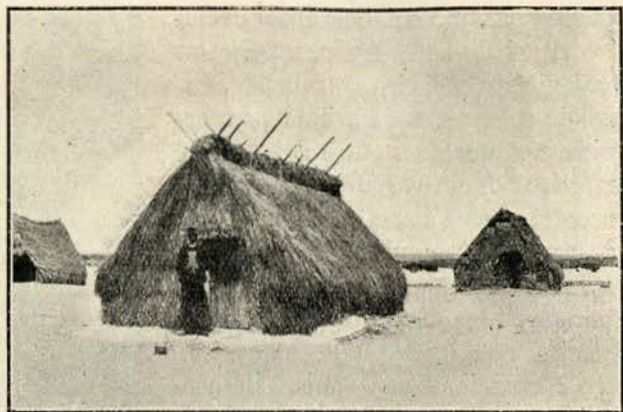


FIG. 9 — CABANAS NA PRAIA DE MONTE GORDO

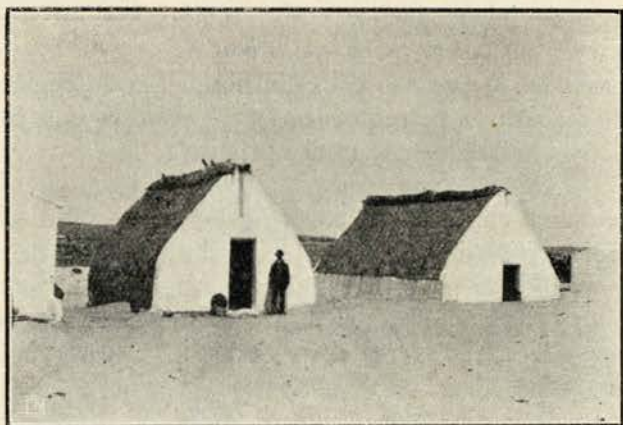


FIG. 10 — PERSISTENCIA DO MESMO TIPO DE HABITAÇÃO, MAS EM PARTE JÁ CONSTRUÍDA DE ALVENARIA. TIPO DE TRANSIÇÃO PARA A COMPLETA SUBSTITUIÇÃO DE MATERIAES. (Clichés do autor)

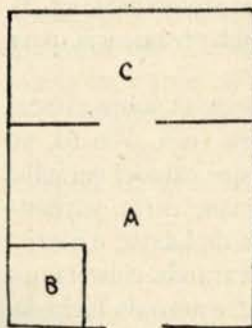
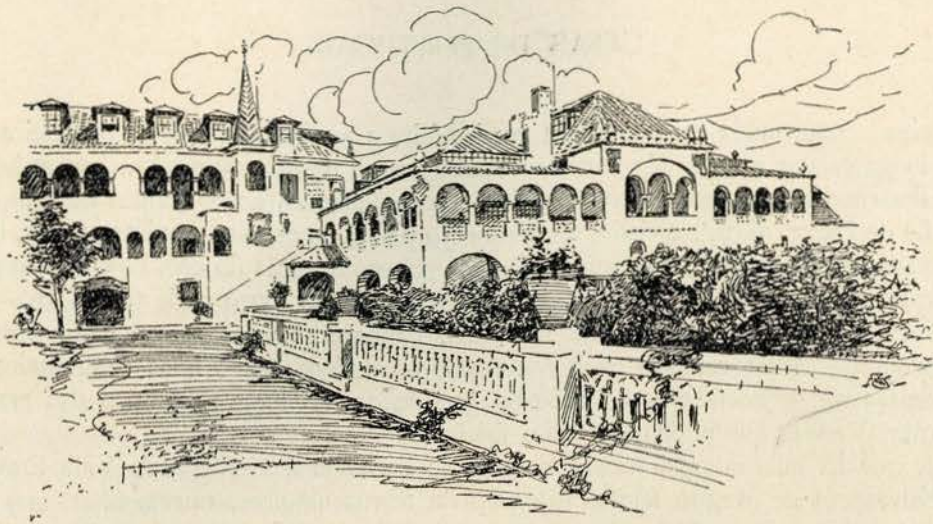


FIG. 11 — PLANTA SQUEMATICA DE UMA CABANA ALGARVIA. A: SALA DE ENTRADA; B: LAREIRA; C: ALCOVA.

Lisboa, 20 de fevereiro de 1917

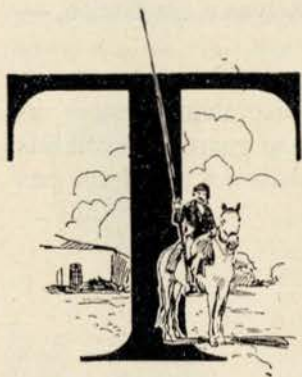
A. MESQUITA DE FIGUEIREDO.



## CASAS DE PORTUGAL

### I

#### A CASA DOS PATUDOS



TRANSPOSTO o lindo Tejo, pela comprida ponte de Santarem; caminhada, entre altaneiros choupos, a estrada de Almeirim e passada esta villa de historia e de commercio com as terras de lavoura, chega-se a outra villa — Alpiarça — não menos bella como paisagem ribatejana. Lavouras quasi todas grandes, vizinhas, explicam a enorme extensão das terras campinas, que se avistam da mais pequena elevação.

Por aqui se criam as ovelhas, os bois, os cavallos e os touros. Por aqui, como nas lezirias, ainda algum pequeno lavrador lavra a terra com a primitiva araveça e os grandes seareiros *brocham* as possantes charruas com *troncos*, *forças* e *diantearas*, — tres juntas de famosos bois ratinhos, ou de touros amansados *à valentona* (como dizem), que o abegão governa com fallas e a comprida aguilhada. E nesta faina, emquanto a aiveca ou as grandes folhas da charrua, como que de prata, luzidias, cortam e abrem em sulcos o duro chão, — de pousio, talvez, — o lavrador canta, e estimula o gado, dizendo-lhe:

— Chegaaa, ella está tão bôda . . .

Sem embargo formosos, já por esses campos vai faltando o character, a accentuação especial, da lavoura portuguesa, no que respeita ao trato bracejado e á vestimenta do campino.

São raras já as grandes casas de lavoura que trazem os criados de calção e meia, falta que tornou os campinos ribatejanos menos attrahentes, menos vivos e alegres de côr. Esses homens do campo, afeitos ao labor do pão e ao trato com os animaes, eram, assim vestidos com o seu trajo tradicional, de um porte incomparavelmente mais elegante.

A cavallo, sobre o apparelho alto, que elles proprios manipulavam; jaqueta curta; calção, afivelado de prata ou de metal somenos, de panno azul ou castanho, de saragoça ou

## CASAS DE PORTUGAL

de belbutina; cinta; meia de bordadura gorda, feita a agulha; sapatos de prateleira, para suster a longa espora a meio pé; barrete verde ou azul, de orla vermelha, — esses homens, déstros, destemidos, cavalgando como arabes, escarranchados entre mantas de Almodovar sobre pelle de cabra, alforge aviado, ao hombro o pampilho esguio, de vinte palmos, figuras que enchiam os campos sem fim, recortadas nas nuvens brancas do céu, homens tão portugueses, que levavam na ponta da vara o teimoso e ferino touro onde teimavam — eram a personificação da independencia. Não só faziam o apparelho em que cavalgavam, ferravam e sangravam o cavallo como o melhor dos siderotéchnicos, como bons veterinarios, mas ainda preparavam a comida — um soberbo *torricado* — ao lume aromatico das restevas, e bordavam as meias que punham em dias festivos.

Isto, que ha quarenta annos era vulgar, de Sacavem á Gollegã, de Villa Franca de Xira a Salvaterra de Magos, leguas e leguas de terras nateiras, estremenhas, mas confi-nantes com o Alemtejo, — hoje, só o poderemos admirar nas lavouras de Palha Blanco, na Castanheira, de Emilio Infante, em Valle de Figueira, dos Duques de Cadaval, em Muge. Dos campinos, *moiracs* e eguariços até ao zagal e aos mais submissos criados ganhões; a determinar, a aguardar ordens, ou a guardar ovelhas, do mandão ao mandado, usavam todos calção, em Almeirim, em Alpiarça e d'aqui até onde a vista alcança terras de lavoura.

Ficam essas baixas planas, que o Tejo alaga mais ou menos, segundo o rigor das in-vernias, em derredor da «Casa dos Patudos», onde habitam José Relvas e sua familia, — grandes portugueses, lavradores e artistas.

Com o mesmo carinho são allí tratadas as terras de trigo e os tecidos raros e artis-ticos; a vinha e as arvores de fructo; a pintura e a esculptura dos grandes mestres; as flores e os delicados *bibelots* de muito apreço. Linda vivenda, onde se guardam escolhidas obras de arte, onde vivem, num abraço apertadissimo, a sumptusidade e a singeleza, mas onde as maiores grandezas são as do coração e do espirito!

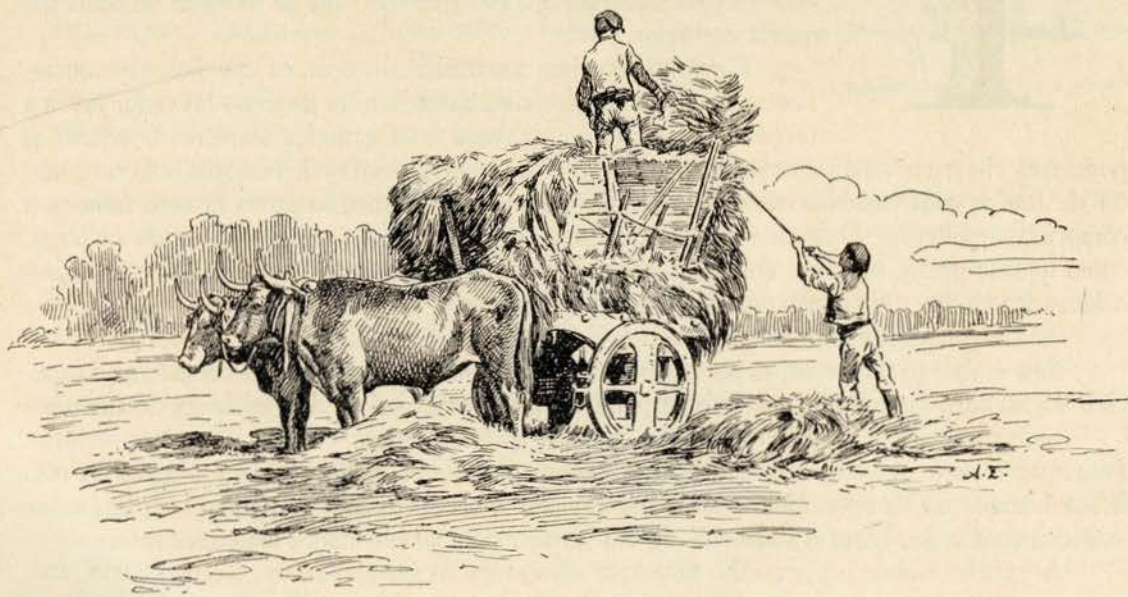


FIG. 2 — CARREGANDO FENO — PAUL DOS PATUDOS

## CASAS DE PORTUGAL

Essa acolhedora casa portuguesa, erguida entre choupos e verduras avelludadas, é cercada por um horizonte infinito, onde sorriem alvejantes casitas, umas errantes, outras agrupadas, como familias inseparáveis.

Das janellas, em arco de meio ponto; pelas rotulas; das varandas e galerias alpendradas, de telha moirisca, e arcarias postas a altura conveniente por meio de columnas com fustes baixos e capiteis românicos — a vista ora se prende em attractivos, ora se perde nesses amplos horizontes, que nos fazem pequenos e scismadores.

Dos parapeitos encanteirados e de tijolo aberto, á maneira alemtejana; dos vãos ladeados de poias com cobertores de Ançã, vêem-se, para o lado do poente, a «Casa da Portella», a «Quinta da Boa Vista», a cidade de Santarem.

E' sobre o poente que dá a melhora architectonica, a principal fachada, com mais de um corpo avançado, a mais interessante e, justamente, aquella

que o sol por mais tempo illumina, convergindo sobre os seus angulos pitorescos a luz doce e opalina da tarde.

Em geral, eram dêste porte as casas solarengas e os templos da Idade-Media e da Renascença. Habitava-se, e rendia-se culto a Deus, em monumentos com as principaes fachadas expostas ao poente. Essas bem estudadas obras architectonicas desfructavam-se — e desfructam-se ainda, visto muitas haverem chegado até nós — o mais possível á luz benefica do glorioso astro, indirecta e directamente, desde que elle nascia até que se escondia no horizonte.

Dêste modo, os aspectos grandiosos dos frontispicios, não só eram mais duradoiros, como tambem, pelos effeitos de luz e sombra, variavam de interesse, segundo a altura do sol. Taes resultados nos dão as cantarias e os tijolos da linda vivenda dos «Patudos», de um poder decorativo inegualavel. Vêem-se alli, do mesmo modo que em Setubal, em Evora — em casas do becco do Chantre e no convento de Santa Clara, por exemplo, — em Villa Viçosa e noutros pontos do Alemtejo, nos abertos parapeitos das varandas e nos topos das chaminés.

Mas tem o tijolo outras applicações interessantes. Combinado com pequenos quadrados de azulejo, faz pisos de galeria e de terado, solidos e de bom gosto, nos quaes a vista descansa e se deleita.

Da côr quente do tijolo, do branco e azul ou verde dos ornatos ou flores estilizadas dos ladrilhos esmaltados, resulta uma bella har-



FIG. 3 — CAMISA DE CAMPINO BORDADA POR «MÃOS DE ANEIS». PERTENCE A JOSÉ QUEIROZ

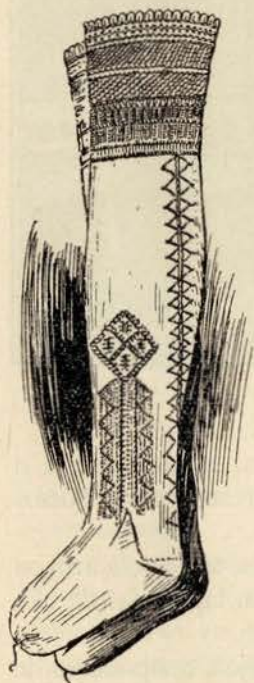


FIG. 4 — MEIAS OFFERECIDAS AO AUCTOR DO ARTIGO POR JOSÉ JALECO, CAMPINO DE GRANDE NO-MEADA NO RIBATEJO

## CASAS DE PORTUGAL

monia, — a mais apreciavel qualidade de uma combinação de elementos decorativos. Era esta uma das maneiras mais usadas de cobrir os pavimentos da casa portuguesa, principalmente para o sul do país, até ao seculo XVIII. De facil limpeza, é bem propria para o nosso

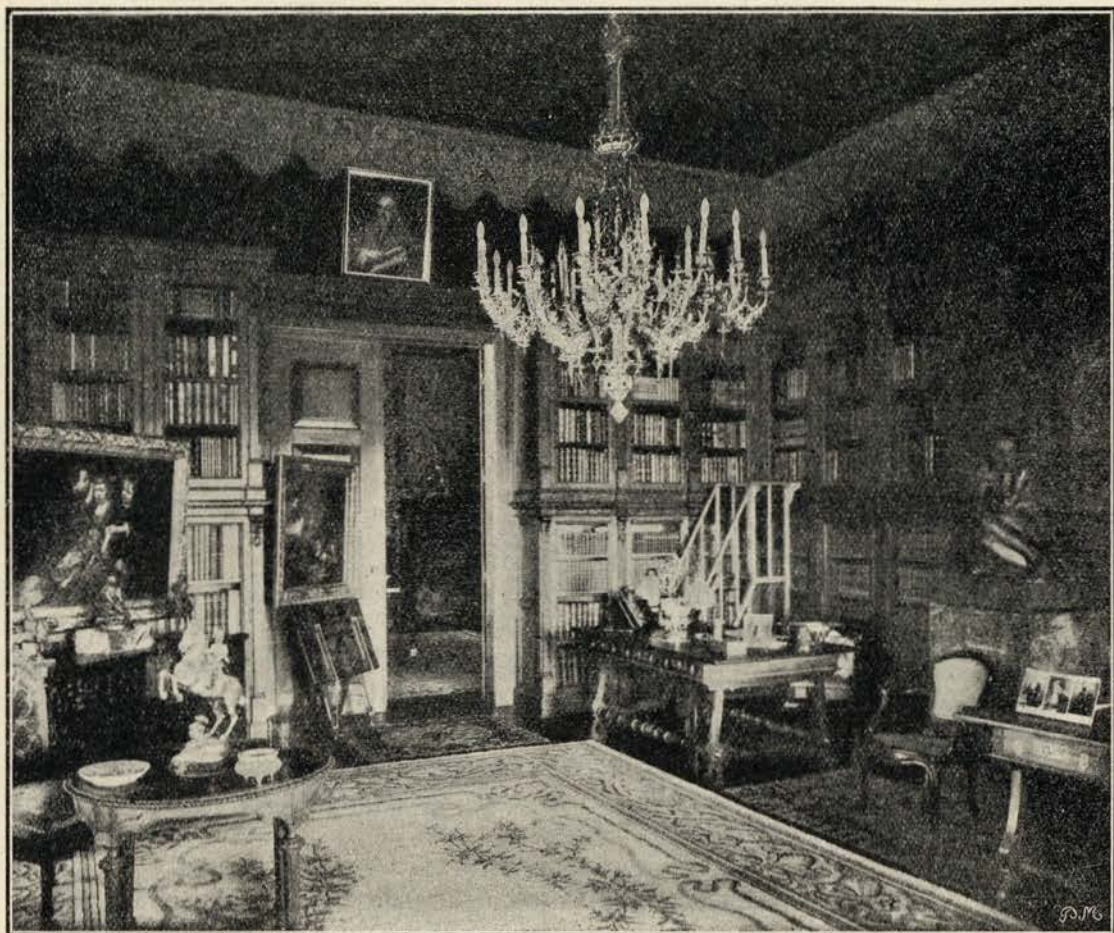


FIG. 5 — CASA DOS PATUDOS: BIBLIOTECA

clima, mais temperado ou quente do que frio; e, quando, porventura, se apresentava o inverno aspero, os esteirões algarvios e as brazeiras batidas e recortadas pelos nossos atoeiros vinham confortar a habitação da familia portuguesa.

Ainda nas varandas, completam as decorações os silhares azulejados, sómente a azul ou desta e de outras côres, enriquecendo as paredes, como se as colgassem tapeçarias de elevado preço.

Aqui e alem, nos muros brancos, recortam-se allegorias de azulejos, composições de figuras, fructos e ornatos. No mais importante, na parede a que se encosta a escadaria de pedra, que vai do amplo terreiro á varanda principal, collocada entre gelosias verdes, de miudo cruzamento, — vê-se esta legenda: — TERRA MATER.



## CASAS DE PORTUGAL

A «Casa dos Patudos» deve ao fino gosto dos seus proprietarios e á mestria do seu architecto, Raul Lino, as suas qualidades de situação, grandeza e simplicidade de linhas e, portanto, ausencia de complicados arrebiques. E' discreto o ornamento que a completa, que lhe foi bem posto e lhe vai bem. Está na pedra, no ferro forjado, na telha, no tijolo, no azulejo.

Na pedra de Ançã, o trabalho dos canteiros de Coimbra, bafejado pela arte educadora da Sé Velha, ornamenta os capiteis que coroam os fustes a que alludi. Levantados nesse calcareo macio de ao pé de S. Marcos, os lavores de pedra cingem em abraços a mesma pedra. Nuns, são aves que se desdobram symetricamente, em attitudes perfiladas, e picam fructos de uma arvore. Noutros, outros assumptos, mas sempre com identica feição. Os vegetaes associam-se com os ornatos, em repetidos encadeamentos. Os lises, então, teem, nos variadissimos capiteis, grande representação. E todos estes motivos, dispostos entre os abacos e os astragalos, relembram historias de ha oito seculos.

Os ferros são de insignes serralheiros, tambem da cidade douta. Vedam as janellas baixas, suspendem lampeões, guarnecem as portas com artisticas aldravas e ferrolhos, sustentam a sineta que marca as horas do trabalho e das refeições, que faz despertar, — signal de casa grande, de vida agraria.

Tambem nas coberturas e chaminés da «Casa dos Patudos» ha grande interesse decorativo, com a firmeza que requiere o ar livre.

A telha de meia canna, vermelha, verde ou na côr do barro, esmaltada, constitue as coberturas dos grandes e pequenos corpos e das aguas-furtadas, de teor pombalino.

O resultado pitoresco da collocação da telha mourisca de taes côres foi bem conhecido em Lisboa e cercanias, do que se encontram inda hoje vestigios interessantes.

Dão accentuado caracter á acolhedora habitação de José Relvas as hirtas chaminés, que ascendem dos telhados, muito alemtejanas de forma e de côr. Algumas vezes, os pannos dessas chaminés, branqueados da base ao motivo superior, são enriquecidos com cintas de azulejos, de um só tom ou polychromos, dando-lhes esse inconfundivel sorriso, peculiar á casa portuguesa.

A entrada principal dá tambem para o poente. A escadaria, cortada com largueza e com a preceituada medida (dezesete centimetros de cobertor a cobertor), é guarnecida de quadros de azulejos, pintados por Jorge Pinto na officina das Janellas Verdes, chamada, noutros tempos, *dos Marianos*.

Silhares recortados na parte cimeira, em volta dos patins e a acompanhar os suaves lanços, representam scenas da vida rural: — O lavrar das terras, as sementeiras, a monda, a ceifa, a debulha. Algumas composições tratam da vinha, em terras de feição. Tudo



FIG. 6. — PISCINA DE FAIANÇA DO FIM DO SEculo XVIII. BICA DO SAPATO. ALT.: 0,57. DIAMETRO DO TANQUE: 0,32

## CASAS DE PORTUGAL

movimentado, homens e animaes em labuta, efeitos obtidos por essa côr unica do azulejo, o expressivo azul.

Estamos dentro de casa, recebidos, com a mais sincera bizzarria, pelos seus donos e por todas as manifestações de Arte, — pessoas e obras de uma harmonia inexcédível, que

o nosso coração e os nossos olhos agradecem de momento a momento.

A ornamentação é precisa. Os objectos estão de acôrdo com as salas e entre si. O estylo das mobílias harmoniza-se com o ornamento das paredes, dos tetos e dos soalhos. Estes são, umas vezes, de madeiras ricas; outras, alfombrados de tapeçarias de nome, de Aubusson e de outras officinas celebres.

Não se tem sómente a impressão de se entrar em casa de artistas de educação aprimorada; recebe-se tambem a mais impressionante lição de arte decorativa, a par de uma clara afirmação de bom senso, pois as commodidades não faltam nunca para se descansar, para se poder ver um quadro detidamente, para se observar uma atrahente faiança portuguesa, hispanhola, francesa ou



FIG. 7 — W. DOBSON (?) — RETRATO DA RAINHA HENRIQUETA DE FRANÇA, MULHER DE CARLOS I DE INGLATERRA

italiana, das boas epocas, para se admirar uma gravura, uma porcelana, uma pequenina esculptura, um tecido de seda ou de fina lã, bafejado de bom gôsto, para se ver de muito perto — á distancia de um segredo — uma miniatura pintada em marfim, ou em cobre, sob esmalte invisivel!

Entre as salas, cercadas de bellas pinturas e de não menos bellas tapeçarias de Arrayollos, — que constituem uma das mais extraordinarias collecções dos «Patudos» — cêrca de quarenta exemplares e, entre elles, um bordado a seda, onde se contam, entre o ornamento, cincoenta e tantos animaes, exemplar unico, datado (1761), — entre as salas, dizia, onde se faz boa musica, onde se escutam as melancolias de Chopin e as sonatas do *Senhor Beethoven* — é como eu o trato — são grandiosas: a galeria ou salão dos Arrayollos, a sala dos

CASAS DE PORTUGAL



FIG. 8 — CASA DOS PATUDOS. SALÃO DOS «ARRAYOLLOS»

## CASAS DE PORTUGAL

*primitivos*, a sala dos retratos, a sala D. João V, com azulejos, sedas, moveis e adornos da epoca, a bibliotheca, recamada de magnificos livros. Todos estes apartamentos são de vastissimas proporções e, quer de dia, quer de noite, bem illuminados.

Assim, tão agradavelmente se está num salão de estylo como num dos aposentos modernos, — porque, no *meio* dos «Patudos», está-se sempre em contacto com a civilização e a arte de todos os tempos.

Pelas paredes das grande e pequenas divisões, e, ainda, sobre cavaletes, vêem-se, em grande numero, obras de pintores, antigos e modernos, das principaes escolas. Citarei alguns, dos muitos que allí estão representados:

### Portugueses

#### Antigos

- |  |   |
|--|---|
| Sanches Coelho (Escola de) — <i>Retrato da filha de Carlos V, mulher do Infante D. João de Portugal.</i> | Domingos A. de Sequeira — <i>A visão de S. Paulo.</i> |
| Volkmar Machado — <i>Ilustração dos «Lusiadas».</i>  | Josepha d'Obidos — <i>Santa Cecilia.</i>              |
|  | João Raphael — <i>Margens do Douro.</i>               |

#### Contemporaneos

- |  |  |
|--|--|
| Annuniação — Diversos quadros a oleo.  | Salgado — <i>Estudo.</i>   |
| Gonçalves Pereira — <i>Idem.</i>   | Marques d'Oliveira — <i>Esperando os barcos.</i>   |
| José Rodrigues — Retratos e quadros de genero.   | Malhõa — <i>O Regedor.</i>   |
| José Ferreira Chaves — Retratos.   | » — Retratos.  |
| Silva Porto — Trinta quadros de diversas epocas, desde os primeiros trabalhos do mestre. | » — Paisagens.   |
| Pousão — <i>Azinhaga inundada.</i>   | João Vaz — <i>Torre das Cabaças.</i>   |
| Alfredo Keil — <i>Volta da romaria.</i>  | Carlos Reis — <i>Manhã no Lima.</i>  |
| » — <i>Nas margens do Tejo.</i>  | Arthur Loureiro — <i>Cabeça de velho.</i>  |
| Columbano — <i>A máscara.</i>  | José Queiroz — <i>Na Gollegã.</i>  |
| » — <i>Silva Porto no seu «atelier».</i>   | Ha ainda trabalhos de José de Brito, Ezequiel Pereira, Candido da Cunha, Accacio Lino, João Augusto Ribeiro, Antonio Saude e outros. |
| Constantino Fernandes — <i>As Abandonadas.</i>   |  |

### Hispanhoes

#### Antigos

- |   |   |
|---|---|
| Escola flamengo-hispanhola, sec. XVI — <i>O Calvario.</i>               | Escola de Sevilha, sec. XVII — <i>S. Joaquim</i>    |
| Escola italo-hispanhola, sec. XVI — <i>Familia Sagrada (Cardona ?).</i> | » » » » — <i>S. Pedro.</i>                          |
| Murillo — <i>Sant'Anna, a Virgem e S. Joaquim.</i>                      | » » Madrid, » » — <i>S. Jeronimo.</i>               |
| » — <i>Santo Antonio.</i>   | Claudio Coelho — <i>N. Senhora e um cavalleiro.</i> |
| » — <i>O Filho prodigo.</i>   | Zurbaran — <i>Santa Cecilia.</i>                    |
|   | Velasco (?) — <i>Retrato de Scarlatti.</i>          |
|   | Vicente Lopez — <i>Allegoria religiosa.</i>         |

## CASAS DE PORTUGAL

### Contemporaneos

- Eugenio Lucas — *La tienta*.  
Rosales — *Fauno e Bacchante* (esboço.)  
Ferrant — *Tomada de Jerichó*.  
Emilio Sala — *Principe de Vienna* (estudo para o quadro do Museu de Madrid.)  
Aureliano de Beruete — *Guadarrama*.  
Luiz Alvarez — *Carlos IV*.  
» » — *Paisagem nas Asturias* (estudo.)
- Pinazo — *Um Aragonés*.  
Francisco Domingo — *Retrato de Rosales*.  
» » — *A irmã do artista*.  
Romero de Torres — *A Granadina (a Mulher da medalha)*.  
Quadros de Morera, Diaz, Olano, Borrell, Gomez Gil, R. Domingo, Caviades, Araujo, etc.

### Franceses

#### Antigos

- F. de Champaigne — *Retrato de homem*.  
Hyacinthe Rigaud — *Retrato de homem*.  
Ch. Lebrun (?) — *Projecto para um tecto*.  
Jacques Courtois. («Le Bourguignon») — *Batalha*.  
» » » — *Batalha*.  
Anonymo — *Retrato de Filippe V, Rei de Hispanha*.  
Anonymo — *Retrato do Regente*.  
François Lemoine (?) — *Fauno e Bacchante*.  
Boucher (Escola de) — *A adoração dos pastores*.
- Eugène Delacroix — *Sardanápalo* (esquisso.)  
Guérin — *Phèdre* (esquisso.)  
Devéria — *Cinq-Mars e Luis XIII*.  
» — *Cavalleiro e dama Luis XIII*.  
Poussin (Escola de) — *Dois paisagens*.  
Geoffroy — *Creança napolitana*.  
Diaz de la Peña — *Allegoria*.  
Daubigny — *Paisagem*.  
Ch. Jasque — *Paisagem com animaes* (esboço.)

### Inglezes

- J. Reynolds — *Retrato de senhora*.  
W. Dobson (?) — *Retrato da Rainha Henriqueta de França, mulher de Carlos I de Inglaterra*.  
Bonnington — *Marinha*.
- Bonnington — *Paraphrase d'um trecho das «Bodas de Canaan», do Veronense*.  
John-Lewis Brown — *Cavallos*.

### Flamengos

- Memling (?) — *A Virgem e o Menino Jesus*.  
Martin de Vos — *Idem*.  
Rubens (Officina de) — *O dinheiro de Judas*.  
Alfred Stevens — *Estudo*.
- C. de Haes — *Paisagens*.  
Anonymo — *Copia (da epoca) do retrato de Snyders, de Van Dyck*.

### Hollandeses

- Anonymo (sec. xvii) — *Concerto familiar*.  
Rembrandt (escola de) — *Os pastores*.  
Anonymo (sec. xvii) — *Paisagem com animaes*.  
Peter de Hooch — *A compra de joias*. (Pertenceu á collecção do Principe de Wagram).  
Van Bloemen (Horizont) — *Paisagem com animaes*.
- Julien Téniers — *Os mendigos*.  
T. de Bock — *Paisagem hollandesa*.  
Van Miéris — *O dentista*.  
» » — *O mestre escola*.  
Anonymos (sec. xvii) — *Naturezas mortas*.

## CASAS DE PORTUGAL

### Italianos

- Anonymo (sec. xvii) — *Christo*. (Da collecção antiga dos Marqueses de Santa Christina).  
Caravaggio — *Tobias* (da coll. Daupias).  
Trevisano — *A Virgem e o Menino*.  
Luca Giordano — *Venus e os Amores*. (Da coll. Moser).  
Luca Giordano — *Adoração dos pastores*.  
» » — *Fuga para o Egypto*.
- Guardi — *Palacio dos Doges em Veneza*.  
Anonymo (sec. xvii) — *Flagellação de Christo*.  
Sarto (escola de) — *A Virgem e o Menino*.  
Perugino — *A Virgem e o Menino*.  
Crespi — *A Virgem e o Menino*.  
Anonymo (sec. xvi) — *Christo*.  
Escola Veneziana (sec. xvii) — *Christo e Magdalena*.

Mas, depois deste extraordinario rol de bellos quadros, onde a representação portuguesa, só por si, bastaria para encher de orgulho um colleccionador, dá-nos a Bella Arte, instalada e acariciada nos «Patudos», a *bagatella* de um grande numero de aguarellas desenhos a pastel e a lapis, assignados por Villegas, Ferrant, Peréa, Jimenez, Casanova, Fondevella, Comba, Casado del Alisal, Madeleine Lemaire, Bonvin, Harpignies, Alves de Sá, L. Apol, Woele, Mesdag, Dockery, Hogan, Gerard, Latour, Perroneau, Sousa Pinto, Malhõa, Jean-Paul Laurens, Neuville, Rosa Bonheur, Boudin, Daubigny, Cicéri, Rafaelli, Mirbach, Soares dos Reis, Julião Machado, Raphael Bordallo Pinheiro, Manuel de Macedo, Gonçalves Pereira, José de Brito, Rei D. Luís, Candido da Cunha, etc.

Na esculptura, estão representados, nas salas de Alpiarça, Machado de Castro, Soares dos Reis, Teixeira Lopes, Costa Motta e mais artistas portugueses e franceses do bronze, do barro e da madeira.

Para o famoso conjuncto da «Casa dos Patudos», contribuíram a intelligencia, o merito e o esforço de um raro nucleo de artistas. Assim, á delicada iniciativa de José Relvas, á mestria do architecto Raul Lino, juntou-se a valiosa collaboração, na pedra, no ferro e nas madeiras, de artistas de Coimbra, João Machado, Manuel Pedro de Jesus e Lourenço d'Almeida, sob a influencia do grande mestre Antonio Augusto Gonçalves, e de artistas de Lisboa, entre elles o entalhador José Maior.

José Relvas, bom artista e bom portuguez, tem sido um dos maiores defensores do nosso patrimonio artistico, já promovendo, em 1910, quando ministro das Finanças, a promulgação da lei que prohibe a exportação de objectos de arte, e fundando o Museu de Mafra, pondo assim os objectos que o constituem ao abrigo de desvios e faltas de cuidado, já, como particular, adquirindo para sua casa tudo quanto seja compativel com os seus meios de fortuna, evitando dèste modo que muitos objectos de valor artistico passem as nossas fronteiras.

JOSÉ QUEIROZ.



FIG. 9—DATA DO «ARRAYOLOS» DE SEDA

# LA ROCHE PEINTE DE VALDEJUNCO À LA ESPERANÇA, PRÈS ARRONCHES (PORTALEGRE)



Les sierras quartzitiques, qui forment, à travers le centre de la péninsule ibérique, une série de chaînes plus ou moins parallèles et continues, depuis la sierra de Alcaraz jusqu'aux environs d'Alburquerque (Espagne), forment une légère saillie en territoire portugais sur la frontière des provinces de Badajoz et de Portalegre. J'en avais exploré personnellement la région située dans les provinces de Jaen, de Ciudad Real et de Cordoba dans plusieurs campagnes de recherches exécutées en 1911, 12, et 13, et, durant la fin de 1913 et 1914, j'avais envoyé mes prospecteurs poursuivre les investigations préparatoires entre Almaden et Merida et aux environs d'Alburquerque. C'est ainsi qu'à la veille de la conflagration Européenne, j'avais réuni les éléments d'information nécessaires à une nouvelle campagne, et eu connaissance d'environ 80 roches peintes réparties principalement sur le premier des deux secteurs indiqués. Mon chercheur avait aussi repéré deux roches au voisinage même d'Alburquerque. Les événements qui survinrent, en m'astreignant à diverses reprises à des obligations militaires, retardèrent près de deux années mes projets d'expédition, et ce n'est qu'en Mai et Juin 1916 que je pus les réaliser.

Durant ce temps, M. Aurelio Cabrera, distingué professeur originaire d'Alburquerque, eut à son tour connaissance des roches découvertes par mon prospecteur, et fit lui-même de nouvelles découvertes soit à la Carava (roche granitique gravée fort remarquable), soit en Portugal, à la Esperança. Une note rédigée par don Eduardo Hernandez-Pacheco, le sympathique professeur de Géologie du Museum d'Histoire Naturelle de Madrid, et l'un des principaux chefs de la Comision de Investigaciones Paleontologicas y Prehistoricas, publiée en Février 1916 dans le «Boletin de la Real Sociedad Española de Historia Natural» (Tome XVI), fait connaître les roches peintes des *riscos* de San Blas, de la Carava et de la Esperança; des dessins et photographies sont jointes au texte en ce qui concerne ces localités; il se borne à prendre date, en ce qui concerne la roche gravée déjà indiquée ci dessus.

En Juin 1916, je profitai de ma présence à Alburquerque, non seulement pour relever les roches découvertes par mon chercheur, et publiées par MM. Pacheco et Cabrera, mais je rendis visite également à la roche gravée nommée pour la première fois par les savants espagnols, qui s'occupent d'en préparer la description et la figuration. Enfin, je me rendis à la Esperança, où je pus contrôler et compléter les relevés publiés par mes collègues. Ce sont ceux qui font l'objet principal de ce travail.

Le vallon de Valdejunco (1) se trouve à environ 1500 mètres du village frontière de

(1) Et non *Valdejunto*, comme l'écrit, par suite d'une erreur d'impression, M. Pacheco.

## LA ROCHE PEINTE DE VALDEJUNCO

La Esperança, vers l'Est, à l'extrémité opposée d'un chaînon de la partie méridionale de la Sierra de San Mamede, et transversalement à celui-ci. Vers le bas de la pente qui termine ce chaînon, se trouve un abri sous roche dominant à peine de quelques mètres les terres cultivées occupant le fond du vallon; il s'ouvre au S. W.; une avancée de roches le protège des vents d'ouest, tandis que vers l'est, l'abri se prolonge par une petite falaise verticale. Sa largeur totale est d'environ 15 mètres, pour une profondeur maxima de trois, à gauche de son centre, et une hauteur très irrégulière, pouvant atteindre 4 mètres, par endroit et en avant, tandis qu'en d'autres points, le sol se relève, ou le plafond s'abaisse, et la réduit d'environ moitié.

Les peintures occupent presque toutes les parties verticales de l'abri, ainsi que la partie la plus surbaissée du plafond. Nous décrivons successivement: 1) le panneau de gauche; — 2) la frise centrale occupant le centre de la paroi; — 3) le panneau plafonnant avoisinant; — 4) les petits panneaux dispersés de la droite, presque tous sur la muraille verticale, parfois sous des petites corniches; un bloc qui s'en est détaché git sur le plancher avoisinant; il est facile de voir la position exacte qu'il a primitivement occupé.

— Panneau de gauche (fig. 1). —

Il comprend environ 17 figures; les plus anciennes, qui sont jaune orangé, se détachent fort peu sur le fond; elles comprennent quatre figures et une ligne de points. Les figures se relient sans peine à des types d'images bien connues en Sierra Morena pour représenter, très stylisées, des idoles féminines semblables aux figurines d'albâtre de la province d'Almeria. Celle qui est placée plus à droite, oblitérée par un animal en rouge vif très conventionnel, est la plus reconnaissable; on distingue sa tête élargie latéralement, ainsi que son buste

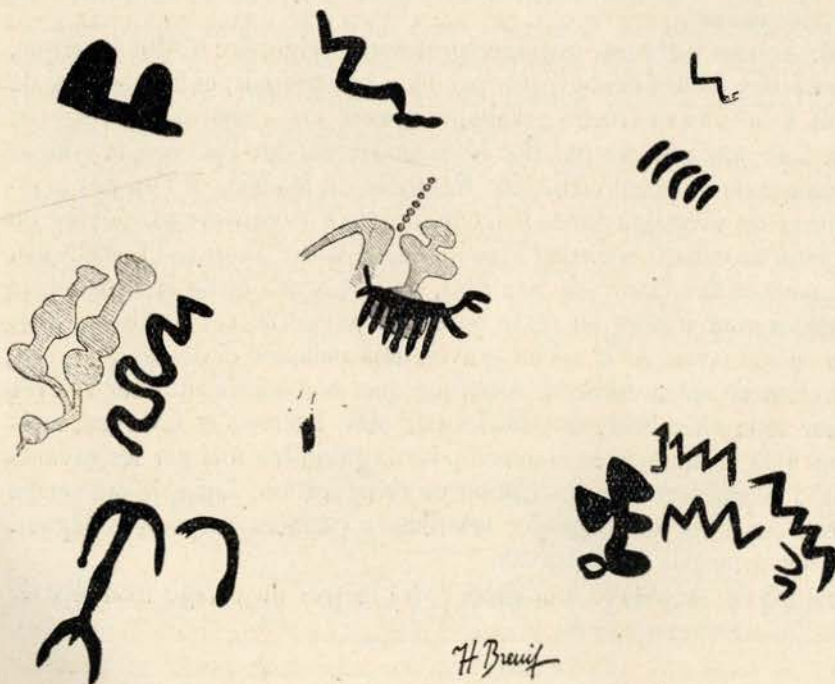


FIG. 1 — PANNEAU DE GAUCHE DE LA ESPERANÇA. ECHELLE: 1/2

à épaules saillantes dénuées de bras; puis vient un étranglement figurant la taille, et la région basilaire élargie représentant le bas du corps. A côté, je trouve une autre figure analogue, mais moins complète et mutilée; elle manque de tête, mais est munie d'un bras à gauche. Les deux autres figures, situées plus à gauche, sont des variantes plus ou moins combinées entre elles de l'image féminine, bien connue en Sierra Morena, du type en «altère», dont la forme radicale est



## LA ROCHE PEINTE DE VALDEJUNCO

une double tache subcirculaire réunie par une bande; il se peut que le complexe que nous décrivons comme résultant de l'association de deux de ces figures en ait primitivement compris quatre et même cinq, empiétant plus ou moins l'une sur l'autre.

Le second ensemble des panneaux, composé de figures rouges vives, comprend: — a) deux images serpentiformes, l'une horizontale, l'autre verticale; — b) un schéma humain sans tête, à bras et jambes écartés, ceinture renflée et phallus tombant; l'une des mains est figurée par un renflement circulaire de l'extrémité du bras. A côté de lui, se trouve un arceau incomplet, et un peu plus haut, quelques vestiges d'une autre figure humaine analogue. — c) En superposition sur la figure féminine jaune orange, se trouve un dessin d'animal à six pattes, se terminant à droite par un bois à trois divisions, et à gauche par deux appendices ressemblant à une queue et une oreille.

Le troisième groupe, de couleur brun rouge, est placé sur le côté gauche de l'anfractuosité qui limite à droite le premier panneau et le sépare du second. Les figures qui le composent sont, en bas, une singulière représentation, terminée en haut par deux lobes triangulaires opposés, supportés par une bande verticale émettant deux lobes à droite et une boucle à gauche. Cette figure, de signification douteuse, n'est pas sans analogie avec des figurations féminines certaines de la province de Badajoz, que j'ai relevées cette année.

A droite de cette figure, se développent deux lignes zigzagüées incomplètement conservées. A 0<sup>m</sup>,45 au dessus, se trouvent quatre taches courbes juxtaposées et une petite partie d'une autre ligne zigzagüée.

— Panneau central (fig. 2). —

La surface verticale qui forme la frise centrale mesure environ 1<sup>m</sup>,30 de large sur une hauteur de 0,60. La bande décorée se termine à son extrémité droite par une figure tout à fait exceptionnelle, bien connue des paysans de la Esperança, qui y reconnaissent un taureau.

Cette silhouette est en complète discordance avec toutes les autres de l'abri, et même avec toutes les fresques néolithiques d'Espagne; elle présente au contraire certaines analogies, par son galbe assez naturaliste, avec les fresques paléolithiques de l'Espagne Orientale. Il n'est pas possible de se prononcer absolument en faveur de l'une ou de l'autre attribution. Les membres postérieurs sont assez grêles, on devine vaguement leur terminaison bisulque; au contraire, le seul membre antérieur figuré est épais et court; le corps, dénué de queue, ne laisse que très vaguement discerner les contours de la croupe et du dos, mais on saisit bien le garrot très convexe. Quant à la tête, elle est d'une forme tout à fait inattendue: elle est portée sur un cou exceptionnellement épais, et armée de deux longues cornes à peine incurvées, de force inégale, dont la plus puissante est placée en avant de la plus faible; elles s'insèrent, non pas sur le front, mais à l'extrémité du muffle; de sorte que la moitié droite de la figure ressemble incontestablement à une figure de Rhinocéros bicorne. J'ai, en 1915, déchiffré deux Rhinocéros au milieu de fresques naturalistes de la province d'Albacete, et la caverne de la Pileta (Malaga) m'en a donné un autre, probablement plus ancien encore, mais toutes ces peintures sont paléolithiques et beaucoup plus caractérisées comme réalisme que celle de la Esperança.

Il n'est cependant nullement impossible que cette dernière soit également paléolithique et que, malgré ses défauts d'exécution, elle représente effectivement un Rhinocéros. Toutefois, il me semble imprudent, jusqu'à ce que de nouvelles découvertes de peintures naturalistes aient été faites en Terre Portugaise, de rien affirmer d'une manière catégorique. De

## LA ROCHE PEINTE DE VALDEJUNCO

toute manière, l'animal problématique de la Esperança, étant donné son état de conservation, remonte à une période plus ancienne que la plupart des figures avoisinantes.

Fort anciennes également, bien que nettement néolithiques, sont huit petites figures ou parties de figures en rouge jaune très déteint, qui se trouvent peintes immédiatement à gauche du pachyderme, et un peu plus haut. Elles se distinguent par la finesse de leur tracé, et représentent trois silhouettes humaines fort schématiques, entourées de différents attributs, deux sortes de zigzags, une espèce de petite plume à barbes unilatérales, quelques petits arceaux, un objet subtriangulaire à ligne médiane, un cercle à quatre appendices irrégulièrement opposés.

Les petites figures humaines sont formées d'un axe rectiligne pour le corps ; une autre ligne le recoupant à angle droit figure les bras ou les jambes dans deux d'entre elles ; dans une seule, les extrémités sont représentées en forme de trident. La tête est figurée comme un cercle ou un demi cercle ; quant aux parties génitales, l'extrémité inférieure du corps linéaire les figure, soit par sa terminaison libre, soit par une sorte de bouton qui s'y trouve placé.

Ici, comme dans la plus grande partie des abris peints de l'Espagne centrale et méridionale, les figures jaunes à tracé fin forment un groupe assez ancien, d'âge plus reculé que les autres peintures néolithiques avoisinantes.

En effet, le groupe nombreux de figures rouges de ce panneau est d'âge nettement postérieur. Il comprend plusieurs figures humaines très grossières, à tête en T ou circulaire ; l'une d'elles a la tête en bas, et manque de bras ; une autre n'a qu'un seul bras, finement tracé et à extrémité bifide. Vers la gauche, une figure humaine est réduite à une longue barre verticale recoupée aux deux extrémités par deux courtes traverses. Elle occupe le centre d'un semis de points de diverses grosseurs. Quelques autres signes de sens peu défini y sont encore associés ; l'un est un *pectiforme* à six dents, d'autres sont des arceaux ou des figures rectangulaires plus ou moins fermées.

Par dessus les taches rouges du centre de la frise, sont encore peintes des barres noires juxtaposées en bande horizontale.

Le fait, dans les peintures d'Extrémadure, de la superposition sur toutes les autres teintes, des peintures noires, se répète à diverses reprises. Elles sont d'ailleurs presque toujours mal conservées, la couleur charbonneuse employée étant beaucoup moins stable que les teintes à base d'oxydes métalliques. Un examen attentif de ces taches allongées permet d'observer que chacune d'elles est constituée de la concrescence de plusieurs taches ovales mises bout à bout, plus généralement trois, quelques fois quatre, cinq et même six. On peut encore constater que la silhouette ainsi réalisée n'est point toujours une simple bande, mais bien une figuration humaine très réduite, composée de trois articles au moins : tête, thorax et bas du corps. Si la tache inférieure affecte une forme subtriangulaire, comme cela a lieu pour la quatrième barre de la série en commençant par la gauche, elle vient à rentrer dans la série des nombreuses variantes de l'idole féminine néolithique.

— Panneau plafonnant (fig. 3) —

Il se décompose en une petite frise suspendue, perpendiculaire au panneau précédent, et la surface unie du plafond lui-même. La conservation de la majeure partie des figures est très mauvaise, et leur lecture est rendue plus pénible encore par l'éclairage frisant qui exagère, aux dépens de la visibilité des surfaces colorées déteintes, les moindres accidents de leur relief.

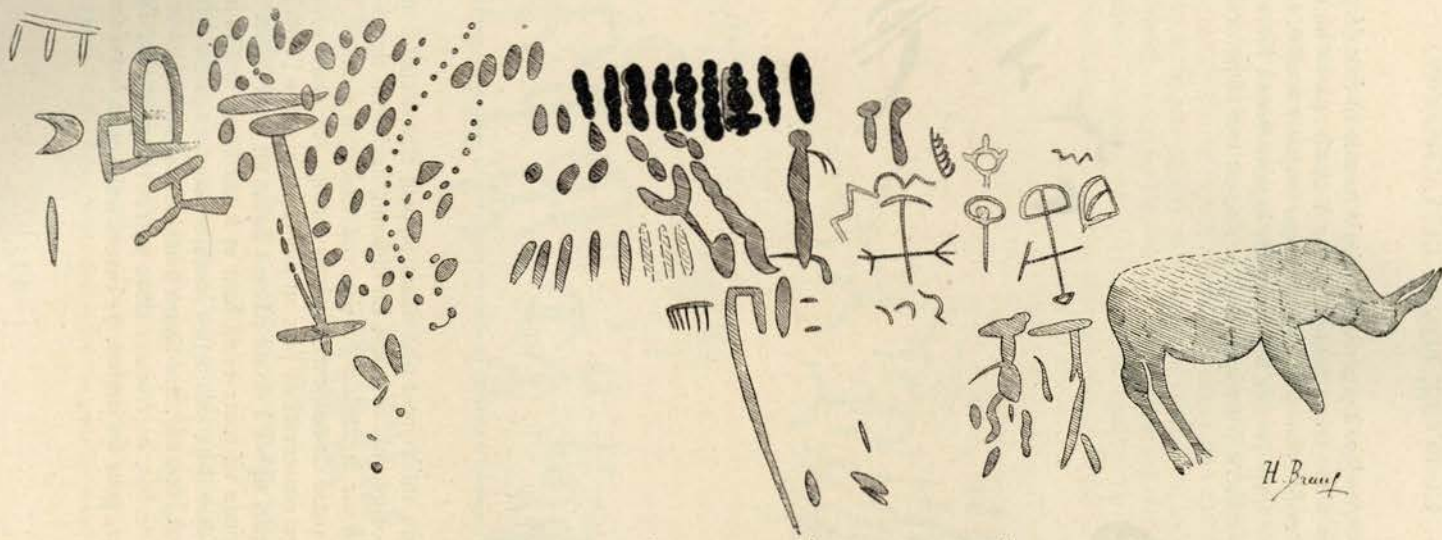


FIG. 2.—PANNEAU CENTRAL DE L'ABRI DE VALDEJUNCO À LA ESPERANÇA. ECHELLE: 1/2.

## LA ROCHE PEINTE DE VALDEJUNCO

La petite frise suspendue, à peu près verticale comme surface décorée, comprend quatre figures rougeâtres d'une teinte faible. La plus à gauche paraît un canidé, peut-être un loup, à cause de ses oreilles pointues et de sa queue longue y touffue. Les deux autres animaux sont des cerfs, ainsi que les bois pectinés le démontrent. Entre eux s'aperçoit, non sans peine, un petit homme schématique, dont la tête est une tache ovale séparée du corps.



FIG. 3 — PANNEAU PLAFONNANT DE L'ABRI DE VALDEJUNCO (LA ESPERANÇA) ECHELLE : 1/4

Le grand panneau entièrement plafonnant ne peut être déchiffré que par une personne déjà très entraînée à ce genre d'exercice. La difficulté lumineuse signalée doit être atténuée en portant de l'ombre sur la surface étudiée, préalablement mouillée, comme toujours. La couleur des figures y passe du rouge vif au jaune orange par des dégradations qui semblent dues simplement à des conservations plus ou moins parfaites de l'enduit pictural primitivement uniforme. Quelques signes à droite passent même au brun faible.

Les figures en rouge vif sont : 1) en haut et à gauche, un arceau inscrivant une double bande verticale (peut-être deux silhouettes humaines concrescentes, privées de jambes et de tête); — 2) à l'extrémité opposée, une figure humaine masculine dont le corps est fait d'une bande incurvée vers le bas, en croisant deux autres transversales, l'une droite, pour les bras, l'autre en arceau, pour les jambes. 3) Divers traits et taches d'une interprétation trop douteuse.

## LA ROCHE PEINTE DE VALDEJUNCO

Les figures occupant le centre du panneau sont d'une teinte orangée très faible; au milieu se trouve un groupe de cinq personnages sans sexe indiqué, par conséquent plutôt féminine, qui semblent danser; les trois de droite se tiennent par la main. Plus bas, est une autre figure analogue beaucoup plus grande, dont la tête est représentée par un arceau se fixant par une extrémité au centre des épaules, et un arceau légèrement gauchi, émettant à l'extérieur de son centre quatre rayons divergents semblables aux couronnes portées par de nombreuses figures humaines peintes dans d'autres localités; nous ne ferons que signaler de menus débris de plusieurs autres figures trop incomplètes à droite et à gauche de la ligne des danseuses. Au dessus de celle-ci existe une grande figure composée de deux silhouettes humaines à corps linéaire et bras et jambes écartées plus ou moins; il est difficile, dans l'état

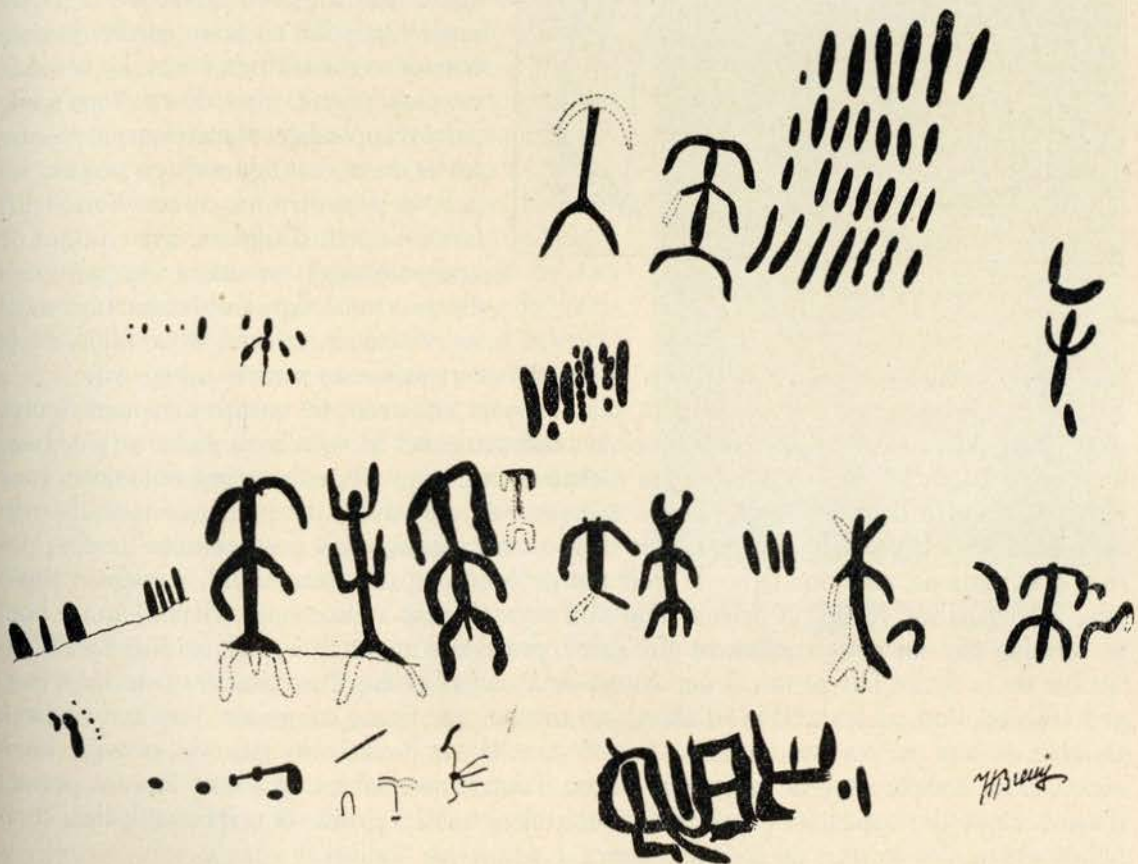


FIG. 4 — PANNEAU DE DROITE DE L'ABRI DE VALDEJUNCO (LA ESPERANÇA). ECHELLE : 1/10

actuel des choses, de savoir si ces deux sujets étaient autrefois séparés, ou bien s'ils se rejoignaient en un seul. La place de la tête de la plus éloignée est occupée par deux appendices divergents, dont le plus grand forme boucle.

Plus à gauche, existe en rouge très pâle un autre assemblage; on y remarque un triple arceau concentrique, concrescent à un autre arceau plus petit que relie une ligne droite

## LA ROCHE PEINTE DE VALDEJUNCO

à un cercle. Tout contre est la partie inférieure d'un schéma humain, un autre arceau qui se continue en lignes confuses, et une grande ligne incurvée en crosse vers le bas.

— Panneau de droite (fig. 4). —

Les peintures qui se poursuivent à droite de l'abri forment une frise composée d'une série de petits groupes séparés les uns des autres. Le premier occupe une position élevée,

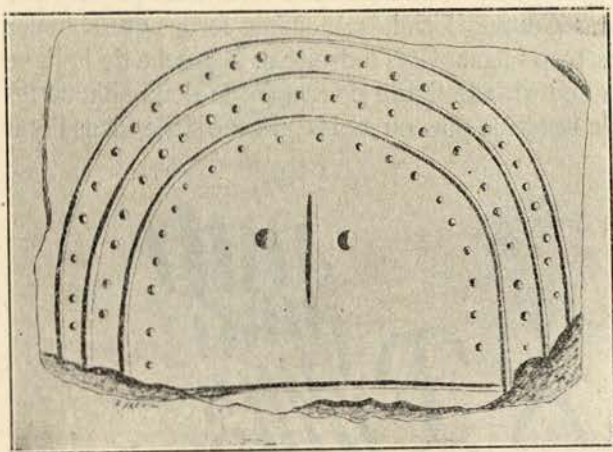


FIG. 5 — FRAGMENT DE STELE DE LA ESPERANÇA.  
DIMENSIONS: LARG. 0,375; HAUT. 0,275

que l'on ne peut décalquer qu'en montant sur un petit tas de blocs ; il se compose de deux figures humaines stylisées et d'une surface rectangulaire couverte de quatre séries de 7 taches allongées ordinairement en batons. La première figure humaine est privée de sa partie supérieure ; il n'en reste que les jambes écartées et le trait du corps. La seconde est plus intacte, mais douée d'une triple paire d'appendices symétriquement écartés et incurvés, figurant les jambes, les bras et peut-être les cornes d'une coiffure ; on peut d'ailleurs, avec autant de vraisemblance, considérer la paire médiane comme figurant schématiquement un vêtement attaché à la taille, et la

plus haute comme les bras. Ces figures et les taches avoisinantes sont en rouge vif.

Les suivantes, un peu moins haut placées, sont entourées de quelques menues figures d'un rouge plus déteint, logées dans quelques anfractuosités et sous la corniche surplombante. Il y a à gauche, le long d'un angle rocheux, un groupe de trois taches oblongues (une plus petite entre deux grosses), séparé quelque peu d'un autre de quatre de moindres dimensions. Sous la corniche, on peut voir deux taches analogues à demi cernées de cinq petites ponctuations, puis une ligne de trois autres points espacés, avoisinant une figure allongée, à terminaison renflée et déjetée d'un côté normalement à l'axe longitudinal. L'autre bout se termine par un petit renflement circulaire, précédé d'un autre à quelque distance. L'ensemble de la figure fait penser à une hache ou à un casse-tête. Puis viennent trois fines images tracées d'un pinceau délié : d'abord un arceau ; une figure composée d'un axe vertical, terminé en bas par un bouton, et en haut à gauche par deux traits incurvés presque horizontaux. La comparaison de cette figure avec d'autres semblables de Sierra Morena permet d'assurer que des appendices symétriques existaient aussi à droite, et que l'image ainsi complétée est un des avatars de la figure humaine néolithique stylisée.

La troisième petite figure avoisinante en est peut-être encore une autre, mais moins facile à déterminer, à moins que l'on ne la regarde de droite ; en ce cas, les trois pointes dardées à droite du dessin (tel qu'on le voit sur la figure, mais plafonnant en réalité), pourraient représenter les jambes et le phallus, la ligne courbe transversale serait le bras, et la tache centrale assez confuse serait en même temps le corps et la tête.

Des trois grandes figures humaines brun-rouges situées au dessus, sur la paroi verticale, les deux de gauche ont été privées de l'extrémité inférieure par l'écaillage du bord

## LA ROCHE PEINTE DE VALDEJUNCO

rocheux. L'ensemble paraît une composition symétrique. Deux personnages à trois paires d'appendices, dont celui de droite nettement de sexe masculin, en entourent un troisième qui paraît d'un autre sexe ; mais tandis que les trois paires d'appendices des deux personnages latéraux s'écartent en une courbe descendant régulièrement de chaque côté du corps, les deux paires supérieures du personnage médian se relèvent vivement des deux côtés de la tête visible, à la manière de bras levés au ciel. Notons à ce sujet que cette disposition qui affecte les appendices intermédiaires serait favorable à une interprétation différente de celle que nous avons émise plus haut. Peut-être si ces peintures représentent des êtres mythiques plus ou moins doués de pouvoirs surhumains, les a-t-on représentés munis de plusieurs paires de bras surnuméraires, comme cela se présente, par exemple, dans l'art hindou ?

A 1<sup>m</sup>,50 à droite du groupe antérieur, la frise reprend avec des figures en rouge vif. Les unes sont de simples ponctuations et taches alignées côte à côte ; les autres représentent des personnages humains plus ou moins mutilés, à l'exception d'un seul. Aucun ne possédait de paire de membres surnuméraires ; deux d'entre eux sont certainement de sexe masculin, l'axe du corps dépassant de beaucoup l'arceau des jambes. Quant à la tête, elle n'est marquée, dans un cas, que par un léger renflement au dessus de la courbe des épaules ; ce renflement est géminé dans la figure de gauche. Les deux du centre ont la tête munie d'une courte paire de cornes redressées. Enfin, dans une figure analogue, située un peu plus haut vers la droite, mais où le bas est effacé en bonne partie, la tête est faite d'un léger renflement de la partie supérieure de l'axe du corps qui outrepassa la courbe concave de l'arceau formé par les bras levés.

En dessous de cette frise, et en faisant partie intégrante, était suspendu un bloc que la pesanteur en a séparé et qui git sur le sol. L'examen des surfaces de décollement me permet d'établir la position primitive des figures, et de distinguer leur « haut » et leur « bas ». L'interprétation n'en est d'ailleurs pas beaucoup facilitée, par suite de la concrescence volontaire entre les quatre images qui décorent cette roche. Ce sont, de gauche à droite : — 1) un homme du type en  $\Phi$  grec ; — 2) un arceau renversé, utilisant partiellement les autres traces avoisinants ; une barre médiane en occupe le centre ; — 3) un rectangle barré horizontalement ; — 4) une figure en E couché, qui, peut-être, évoquerait la pensée d'un Bouquetin à trois pattes retournées pour exprimer la mort de l'animal.



FIG. 6 — BLOC DE PIERRE GRAVÉE PROVENANT  
DU DOLMEN DE COPAO (ASTURIAS),  
CONSERVÉ AU MUSÉE ARCHÉOLOGIQUE DE MADRID

## LA ROCHE PEINTE DE VALDEJUNCO

Telles sont les figures peintes de l'abri de Valdejunco ; elles rentrent, sans particularités d'aucune sorte, dans la grande famille des fresques rupestres néolithiques des Sierras rebordant au Sud la *Meseta* espagnole. On savait déjà, soit par les dolmens peints, soit par la roche, publiée au 18<sup>e</sup> siècle, de *Cachão da Rapa*, que des peintures analogues, mais plus originales, existaient sur les rives portugaises du Douro (1). Les unes et les autres ont été suffisamment décrites et reproduites dans ces derniers temps par MM. Leite de Vasconcellos, Correia et Cabré, pour qu'il n'y ait pas lieu d'y insister. Je terminerai en mentionnant la trouvaille, faite dans un pré à mi-chemin de la Esperança à la roche de Valdejunco, de la partie supérieure d'une dalle ou stèle funéraire tout à fait remarquable. Elle porte, gravés assez profondément, le visage et le sommet du corps d'une idole funéraire entièrement semblable à celle publiée dans les Asturies sous le nom de «Peña Tu» par MM. Pacheco et Cabré. Seulement cette dernière, incisée sur une roche de grès dur, est rubriquée de rouge, et associée à une figure de poignard énéolithique gravée et peinte et à des petites figures schématiques d'hommes et d'animaux analogues aux plus banales des autres rupestres (2). Le fragment de stèle que nous figurons ici (fig. 5), d'âge probablement énéolithique, rentre dans une remarquable série portugaise dont M. Leite de Vasconcellos a reproduit de remarquables exemplaires.

Pour finir, je reproduirai la photographie d'une intéressante dalle de grès (fig. 6) ayant appartenu à la couverture du dolmen de Corao (Asturias) et qui est conservée au Musée Archéologique de Madrid. Au sommet, on retrouve la «tête de chouette» de l'idole funéraire néolithique, comme si la pierre (3) avait du être utilisée dressée en stèle ; le trait en est incisé comme avec un outil métallique. En dessous, se trouvent quatre figures non pas incisées, mais piquetées, de celles que l'on rencontre fréquemment sur les roches granitiques gravées de Galice, de Portugal et des régions centrales d'Espagne.

Le principal sujet est une figure humaine à bras et jambes zigzagues qui rappellent entièrement des peintures noires superposées à des fresques paléolithiques de la province d'Albacete et que nous croyons relativement anciennes dans l'échelle du néolithique. Effectivement une autre partie de figures semblables, située vers la base de la pierre transformée

---

(1) J'avais récemment émis, antérieurement à M. Juan Cabré, l'opinion que beaucoup des motifs rectangulaires ou carrés de cette localité représentaient les idoles de schiste des dolmens de la même région : «un rapprochement... peut être fait, sans aucun doute, entre les idoles de schiste portugaises à profil rectangulaire et les peintures rupestres en couleur, signalées au XVIII<sup>e</sup> siècle... non loin de Linhares...». (L'Anthropologie 1915, p. 328). Je fais toute réserve sur les interprétations tout à fait hasardeuses de M. Cabré sur la signification scénique du panneau de *Cachão da Rapa*.

(2) Récemment, M. Cabré, sous l'influence malencontreuse du Marquis de Cerralbo, a adopté l'opinion de ce dernier que le poignard à rivets figurait une sépulture, et que les rivets n'étaient qu'une illusion, les points rouges qui les auraient figurés étant étrangers à la figure et appartenant à un semis de ponctuations antérieures à l'image gravée. Ayant, en 1915, examiné spécialement ce sujet sur place avec le Comte de la Vega del Sella, je déclare que cette nouvelle interprétation n'est pas conforme à la réalité, et que les points rouges figurent incontestablement des rivets.

(3) La photographie que je reproduis m'a été donnée, voici cinq ans, par le regretté don Sebastian de Soto Cortés y Posada, avec l'inscription suivante : «Piedra que sirvió de cubierta à un dolmen que existió inmediato à Corao, pueblo de la parroquia de Abamia, consejo de Cangas de Onis (Asturias), descubierta hacia el año 1860 à 70, y enviada par don Roberto Frassineli al Museo Nacional de Antigüidades de Madrid.»



## UNA EVOLUCION

en stèle dénote que ces gravures ont du être faites sur la roche en place, avant son extraction pour la construction de la crypte énéolithique. On voit que cette pierre gravée est d'une haute importance pour la solution du problème de l'âge relatif de certaines décorations rupestres.

H. BREUIL.

Prof. à l'Institut de Paléontologie Humaine, Paris



## «UNA EVOLUCIÓN Y UNA REVOLUCIÓN DE LA ARQUITECTURA ESPAÑOLA» (1480-1520)

Tal foi o thema de duas notaveis conferencias realizadas em fevereiro de 1915, no *Ateneo* de Madrid, pelo sr. D. Vicente Lampérez y Romea, architecto e archeologo hispanhol, que, no dominio da archeologia artistica peninsular, é hoje auctoridade consagrada. Mais de uma vez tenho citado nesta revista a sua obra, verdadeiramente magistral, *Historia de la Arquitectura cristiana española en la Edad-Media*.

Tenho sobre a mesa, por offerta gentilissima do erudito escriptor, uma *plaque*, primorosamente illustrada, que encerra a primeira dessas conferencias.

Nella se propôs o sr. Lampérez determinar, pela observação directa dos monumentos, as características da architectura hispanhola no periodo que medeia entre 1480 e 1520, — periodo a que corresponde uma *evolução*, a do estylo gothico, e uma *revolução*, a trazida pelo Renascimento.

O auctor vê no gothico hispanhol do seculo xv um cunho nacional, o que tem sido tambem reconhecido por alguns archeologos estrangeiros, um dos quaes, Bertaux, o designa pela expressão — «*estilo Isabel*». Essa originalidade representa mais um *caso* da reacção constante do fundo nacional sobre a arte importada.

O gothico flammejante nunca se radicou, apesar da invasão de numerosos mestres estrangeiros, em Hispanha.

Os monumentos hispanhoes dêsse periodo, como a Capella do Condestavel, em Burgos, a de D. Alvaro de Luna, em Toledo, ás cathedraes de Oviedo, Salamanca e Segovia, S. Juan de los Reyes, documentam uma estranha, singular mistura de elementos gothicos, mouriscos e naturalistas, que constitue, por assim dizer, a traducção hispanhola do flammejante.

O sr. Lampérez, estudando monumentos portuguezes dêsse periodo, observa nelles iguaes tendencias, — e por isso applica o designativo de *iberico* a esse gothico do seculo xv, — embora se lhe afigure que, em Hispanha, se não levou tão longe como entre nós, no manuelino da ultima época, o naturalismo, — o emprêgo (caracteristico de todas as decadencias) de elementos naturaes, não estylizados, na ornamentação, e, mais ainda, a applicação de productos da natureza ou da industria (trancos, ramos, coraes, cordas, cadeias, etc.), como elementos estruturales, esquecendo-se dêsse modo que a architectura é uma arte *interpretativa*, e não uma arte *imitativa*.

## UNA EVOLUCION

O illustre conferente toca em seguida o problema da origem dêsse naturalismo, que se manifesta, por vezes com extraordinario vigor, no gothico decadente iberico, perguntando se essa origem não estará numa *personalidade potente*, num artista que, fervorosamente enamorado da Natureza e vendo nas suas forças occultas o symbolo da Vida, pensasse nella, como fonte novissima e inexaurivel de inspiração. . . E recorda um Macías Carpinteiro, que, nos ultimos annos do seculo xv, — época em que, pela primeira vez, mas já com toda a pujança, a corrente naturalista irrompe na Hispanha, — dirigia as obras do Collegio de S. Gregorio, em Valladolid.

Tambem eu, a proposito do nosso manuelino, hei pensado na interferencia de um artista vigoroso, insubmisso, audaz. E tenho posto o pensamento no francês Boytac, no biscainho João de Castilho. . . O exemplo haveria fructificado, mercê de circumstancias varias, não sendo, porventura, a que menos contribuisse para esse resultado a indisciplina artistica do tempo, a que só tarde vieram pôr termo as doutrinas dos theoricos do Renascimento e a intervenção do italiano Filipppe Terzi.

Na ultima parte da sua conferencia, o sr. Lampérez y Romea occupa-se mais detidamente do estylo manuelino, caracterizando-o, referindo-se ás diversas theorias que, sobre a sua origem e desenvolvimento, têm sido apresentadas e declarando que o seu imperfeito conhecimento dos monumentos portugueses o inhiibe de se pronunciar sobre esse ponto, limitando-se, por isso, a registar dois factos incontestaveis: — primeiro, a existencia na Peninsula, entre 1480 e 1520, de uma arte gothica, que não tem igual, nem em França, nem na Allemanha, nem na Inglaterra; segundo, a identidade de caracteres que essa arte, como amalgama dos mesmos factores — *gothicismo*, *mudejarismo*, *naturalismo*, — offerece nas duas nações peninsulâres. E termina esta sua primeira conferencia (em que versa, como se vê, na primeira parte do thema — a *evolução*), perguntando:

— «Não teremos direito a estabelecer a existencia de um estylo gothico *iberico*, obra de uma evolução peculiarmente peninsular?»

Aguardo com anciedade a publicação da segunda conferencia, em que o sr. Lampérez y Romea deve ter tratado a ultima parte do seu thema — a *revolução*, e, com maior anciedade ainda, a promettida visita do eminente architecto e archeologo a Portugal.

D. JOSÉ PESSANHA.



PAVIA (ALENTEJO) — A CASA DO ANTIGO MORGADO

# OS IDOLOS-PLACAS

## ARTE PREISTÓRICA



A alguns anos já que reuno material para escrever uma monografia sobre as placas-amuletos de schisto que, com relativa abundancia, tem surgido dos estratos archeologicos das antas, das grutas e das estações ao ar livre do centro e sul de Portugal.

Será cedo ainda para elaborar uma obra de sintese acêrca desses importantes documentos da arte e religião primitivas? Talvez. Mas se atendermos ao grande desenvolvimento que os estudos preistóricos vão alcançando em Espanha, região archeologica de diretas e intimas ligações com o nosso país, não poderemos deixar de ir publicando todos os documentos interessantes que apareçam, e que concorram para um mais completo

e rapido conhecimento da preistória da peninsula iberica.

Apezar de subir já a alguns centos o numero das placas aparecidas em Portugal, o estudo deste importante ramo preistórico tem sido alguma cousa descurado pelos nossos archeologos, sendo relativamente poucos os exemplares publicados. Talvez que o facto de aparecerem tão semelhantes umas ás outras, seja a causa do pouco interesse que se tem notado em as reproduzir.

Para se avaliar da sua abundancia, principalmente no sul, basta dizer que só na região archeologica de Pavia (concelho de Móra) (1)

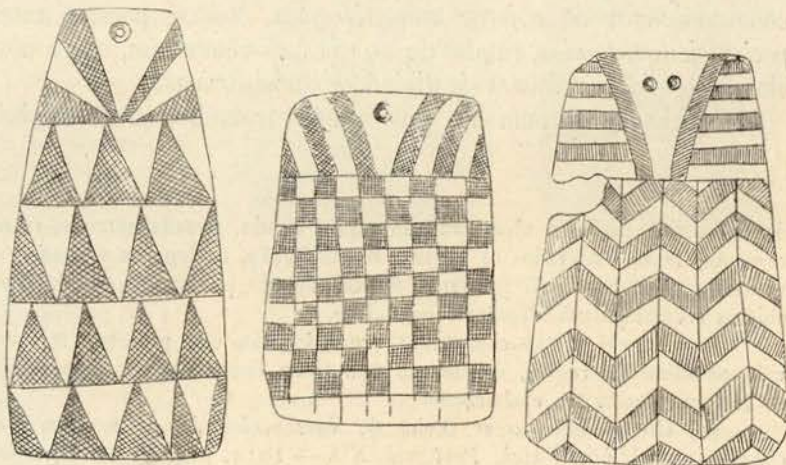


FIG. 1 (n.ºs 1, 2 e 3) — IDOLOS-PLACAS DE TIPOS USUAES DA ESTREMADURA, ALENTEJO E ALGARVE

(1) Deve notar-se que estas explorações na região de Pavia, foram, sob o ponto de vista preistórico, as mais importantes realizadas no ultimo decénio, em Portugal. Organizadas exclusivamente por minha iniciativa e com o concurso de amigos

pessoas que nessa região me acolheram e facilitaram o meu trabalho, dirigidas tambem só por mim — e disso tenho que prestar homenagem ao Diretor do Museu Etnologico, que me concedeu, então, a maior liberdade —, essas explorações tiveram por fim tornar conhecida, em todas as suas modali-

## OS IDOLOS-PLACAS

durante as explorações que realisei em 1914 e 1915, quando conservador do Museu Etnologico, encontrei mais de 50.

Ora este meu breve estudo, embora não possa de modo algum ser a desejada monografia das placas portuguesas, pretende deixar aclarados alguns problemas a que o seu aparecimento dá, muitas vezes, lugar.

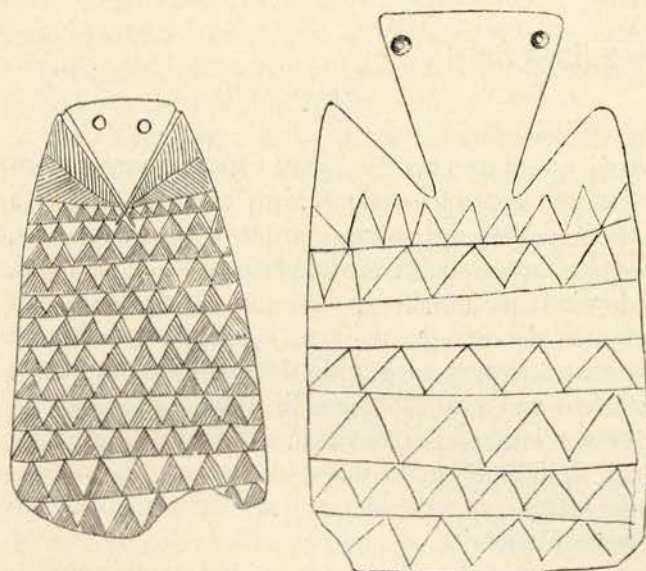


FIG. II (N.ºs 4 e 5) — IDOLOS-PLACAS DA ANTA GRANDE DA COMENDA DA IGREJA (MONTEMÓR-O-NOVO) E DA ANTA N.º 6 DA HERDADE DOS CAVALEIROS (PONTE DE SÔR)

As placas (1) são, como o proprio nome o está indicando, umas chapas de pedra, de schisto, ardosiario ou não, quasi sempre retangulares ou trapezoidaes, riscadas numa das faces — muito raramente nas duas —, de desenhos de gosto primitivo, como o triangulo e o quadrado, cobertos de um reticulado miudo, obtido pelo cruzamento de linhas paralelas, dispostas no sentido da altura e da largura das figuras preenchidas. Como aparecem em estações archeologicas diversas, junto de objetos considerados caracteristicos do período neolitico, costumam as placas classificar-se tambem

sempre como neolíticas. Mas pertencerão elas, de facto, exclusivamente a esse período?

As placas teem sido sempre consideradas por todos os preistoriadores portugueses como *amuletos* ou *objetos amuletoformes*. Nunca, porem, antes do meu trabalho *Idolos preistoricos tatuados*, (junho de 1915) lhes chamaram, entre nós, muito simplesmente o que elas são — *idolos*, *icones de divindades preistoricas*.

Em Espanha, num dos seus ultimos trabalhos (2), o dr. Eduardo Hernandez-Pacheco,

dades, a vida neolitica alentejana da região citada, situada entre as ribeiras de Tera e Divor. Metodicamente, foram escavados os lugares de habitação, os lugares sagrados, e os lugares de sepultura, e o valioso espolio recolhido passou a figurar no 2.º pavimento do M. Etnologico, existindo, de todos os objetos recolhidos um inventario minucioso.

O relatório destas campanhas archeologicas, que pretendo seja um estudo bastante completo da vida neolitica da região, é que não está ainda terminado por falta de facilidades da parte da Direção do Museu, para a sua elaboração.

(1) Ultimamente, o sr. Leite de Vasconcelos deu-se a chamar ás placas de schisto, — *chapas*, *chapões* e *medalhões* (*Arch. Port.* vol. XIX — 1914, pag. 319, etc.). Não vejo, porem, utilidade alguma em estar a modificar, a mais de 50 anos depois da descrição scientifica da primeira placa portuguesa, um nome consagrado tradicionalmente. De mais a mais, placa, significa, tambem, *comenda* e *venera* (Moraes, *Dicc. da L. P.* vol. II, p 545).

(2) *Pinturas prehistoricas y dolmenes de la region de Albuquerque (Extremadura)*. Madrid, 1916, pag. 11 e segs.

## OS IDOLOS-PLACAS

quando se refere a placas, designa-as também já apenas por ídolos, por exemplo nos letreiros das figs. 9 e 10 do livro citado em nota.

O termo tem, pois, e com justiça, de generalisar-se. Mas como os ídolos neolíticos ou eneolíticos não constam apenas de placas, mas também de esculturas, cilindros, etc., proponho, para a sua designação, além do título que encabeça este artigo, *Ídolos-placas*, os de *Ídolos-esculturas* (de pedra, barro e osso), e de *Ídolos-cilindros* (de pedra e osso), estabelecendo desta sorte uma diferenciação que julgo sólida, baseada e útil para a classificação e cronologia preistóricas (1).

Neste assunto de *ídolos-placas*, um dos nossos primeiros cuidados será apresentar a sua área de dispersão geográfica.

Estacio de Veiga, que, com Carlos Ribeiro no seu tempo e Marques da Costa e Santos Rocha, recentemente, podem dizer-se os autores que têm produzido, sobre Preistória, obra mais homogênea e valiosa, foi o primeiro que tentou elaborar um mapa das placas conhecidas á época das suas explorações (2). Depois dele, em Portugal, ninguém mais reproduziu séries de placas.

Outros, porém, foram aumentando pouco a pouco e encarando sob novos aspectos o quadro apresentado por E. da Veiga, principalmente Déchelette (3), profundo conhecedor da preistória da península ibérica, que vulgarizou e classificou muitas placas portuguesas, juntamente com outras de proveniência espanhola.

E' agora ocasião de notar que as placas não aparecem exclusivamente no nosso país, apesar de muita gente estar ainda convencida disso. Encontram-se placas no centro e sul de Espanha (Siret, Déchelette, Pacheco), e no Egito (Morgan), especialmente em Nágada (4).

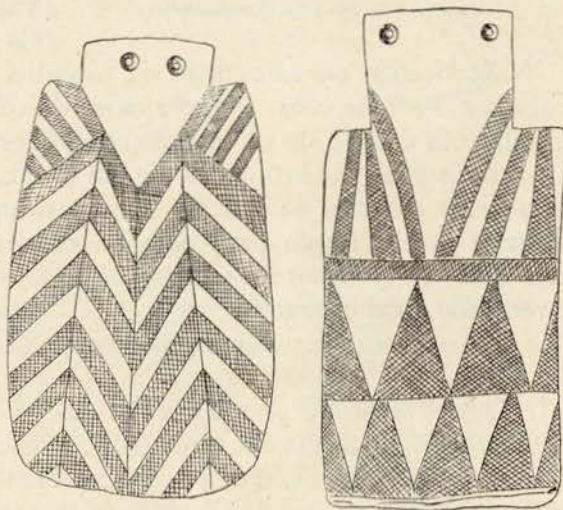


FIG. III (N.ºs 6 e 7) — IDOLOS-PLACAS DO ALGARVE E ALENTEJO RESPECTIVAMENTE DE PORTIMÃO E DE AVIS

(1) Na categoria de *Ídolos-placas*, entram todas as placas de schisto ou piçarra, riscadas ou pintadas, que têm aparecido entre nós:

Na de *Ídolos-cilindros*, todos os cilindros de calcareo ou osso, com ou sem sinais de caras tatuadas, que têm aparecido com certa abundância no centro e sul do país (Cfr. *Ídolos preistóricos tatuados de Portugal* (Lisboa-1915) e a *Exploração Arqueologica da Serra das Mutelas*, no *Arch. Port.*, vol. XIX, pag. 262):

Na de *Ídolos-esculturas*, entre outros, as cabeças de divindades neolíticas ou eneolíticas reproduzidas no *Arch. Port.*, vol. XV, pag. 31 e segs., que formam uma série notável, a que nosso ilustre colaborador, o Prof. H. Breuil, vem juntar, neste mesmo numero da *Terra Portuguesa*, mais um exemplar riquíssimo.

(2) *Antiguidades Monumentaes do Algarve*, vol. II, pags. 452-453.

(3) Joseph Déchelette, um dos maiores arqueólogos francezes, foi, como o eminente Bertaux, outro grande amigo de Portugal, vitimado pela Grande Guerra.

(4) Apesar do que se lê a pag. 341 do vol. XI do *Arch. Port.*, na nota 2, já em 1897, data da publicação da obra de Morgan — *Recherches sur les origines de l'Egypte — Ethnographie préhistori-*

## OS IDOLOS-PLACAS

Na sua exasperada critica aos primeiros fasciculos da *Portugalia* (1), critica que lhe valeu a esmagadora resposta de Rocha Peixoto na mesma Revista (2), o sr. Leite de Vasconcelos, referiu-se tambem, com largueza, ás placas portuguesas de schisto, e apresentou um mapa dos lugares que haviam fornecido, até então, exemplares desses importantes documentos da civilização preistórica. Ancião e Idanha, figuravam ahi como sendo as terras que limitavam, pelo norte, a sua area de dispersão.

Os quinze nomes então indicados, estarão hoje, decerto, duplicados. Muitos e muitos outros lugares do Alentejo e da Extremadura deram placas, sucedendo o mesmo na Extremadura espanhola. E, cousa curiosa, essas placas, que não passavam de Ancião e da Idanha, alcançam já Vizeu, o coração da Beira-Alta.

Pois não podemos considerar da mesma classe delas, a tabulazinha pintada, que o sr. José Coelho descobriu na anta de Mamaltar de Vale de Fachas, no termo da cidade (3), embora ela não seja de schisto ardosiario?

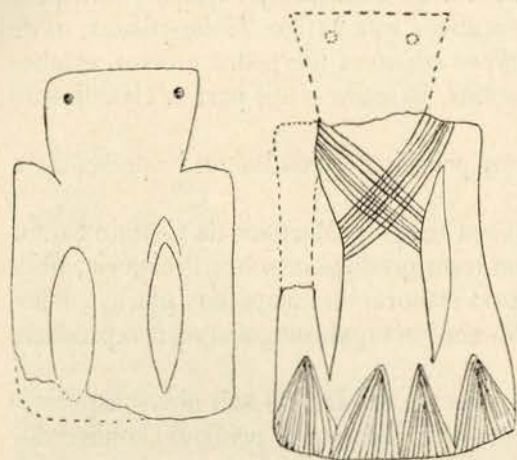


FIG. IV (N.ºs 8 e 9) — IDOLOS-PLACAS DE GRUTA DA GALINHA (ALCANENA) E DE UMA ANTA DE IDANHA-A-NOVA

No Alentejo, nas antas de Pavia, encontrei tambem mais do que uma placa de micaschisto riscada e decorada como qualquer outra de ardosiario; e a pintura da placa de Mamaltar, combinada com o facto de eu ter encontrado num dolmen do Cabeço da Anta, na herdade de Casa Branca do Outeiro, termo de Pavia, uma perfeitissima placa de schisto com os desenhos ainda cobertos de ocre vermelho, leva-me a concluir que *todas as placas foram pintadas*, á semelhança do que acontecia com certa ceramica da epoca, e do que sucede ainda hoje com os *bordados* dos utensilios pastoris que, frequentemente, aparecem coloridos a vermelho, azul e amarelo.

Isto o que póde dizer-se, dum modo geral, acêrca da area geografica de dispersão das placas.

O seu valimento para a decisão dos problemas cronologicos, que Siret e Déchelette consideraram já tão grande, é, de facto, tambem digno de relevo.

E senão, vejamos. Teem aparecido *idolos-placas* em estações ao ar livre — S. Medede de Obidos, Castelo de Pavia, —; em antas — Belas, Aviz, Elvas, Marvão, Montemor o Novo, Pavia, etc. —; em grutas artificiaes — Palmela —; e em grutas naturaes — Cas-

que —, este autor notava no seu livro a existencia de placas de schisto semelhantes, no Egipto e em Portugal. . . . «On a recontré des plaques de schiste analogues dans les tombes préhistoriques du Portugal, et de nos jours encore les habitants du Kachmir font usage de plaques semblables comme amulettes...» (O. c. pag. 145).

(1) No volume XI (1906), pags. 321 a 379, do *Arch. Portugués.*

(2) *Portugalia*, Tomo II — pags. 492-A a 492-S.

(3) José Coelho — *A Preistória e o seu ensino. Mamaltar de Vale de Fachas — Famalicão — 1912*, pag. 49.

## OS IDOLOS-PLACAS

caes, Alcanena, Setubal, etc. Ora, se algumas destas estações preistóricas citadas são nitidamente neolíticas, outras são também, positivamente, do eneolítico ou eometalico. Por isto, somos levados a afirmar, sem sombras de receio, que as placas usadas no pleno neolítico, e coexistentes com os primeiros objectos de cobre (antas de Pavia), desapareceram com a eclosão da primeira civilização metálica.

Fundado em documentos que possuo e que seria longo enumerar agora, posso acrescentar que os *ídolos-placas* foram, das tres categorias em que dividi as divindades preistóricas, os que se manifestaram primeiro, aparecendo, sobre o tarde, acompanhados dos *ídolos-cilindros* (grutas de Cascaes e Palmela e antas de Belas) e dos *ídolos-esculturas*.

Ficaram depois, por algum tempo, sós em campo, os *ídolos-cilindros* e os *ídolos-esculturas*, ao menos durante o periodo eneolítico. Desaparecidos, por fim, os cilindros, quedaram as esculturas até á idade do bronze.

Falta-nos somente falar da significação religiosa das placas e da sua arte rudimentar.

Ao lado das placas mais comuns, rectangulares, ovaes ou trapezoidaes, apparecem outras, em que se desenhavam, com maior ou menor estilisação, bustos humanos, onde, com facilidade, podemos reconhecer os olhos, os riscos da tatuagem facial, os ombros e os braços das divindades que as placas representam.

O homem da pedra polida, tentando, no seu rudimentar instinto estético, reproduzir a figura da sua divindade, fixou sobre a pedra um ou outro ponto que mais o impressionava, e afogou o resto num entrecruzamento irregular de linhas, subordinando-se á decadencia geral em que se afundou a prodigiosa arte do fim do quaternario. Dahi o tornar-se quasi impossivel, em muitas placas, reconhecer a personagem sagrada que elas figuravam.

As primeiras placas apparecidas foram aquellas onde se percebe claramente a cara do idolo preistorico, ou, pelo contrario, foi o instinto primitivo da antropomorfisação que produziu, com o andar dos tempos, essas representações?

Apesar de algumas das gravuras que apresento (fig. II) mostrarem a passagem *intencional* da placa rectangular ou oval para a placa de ombros, deve-se sempre contar com um fenomeno de retrocesso, e admitir que, algumas vezes, da representação humana característica se retrogradou para a absoluta estilisação dos exemplares da fig. I.

Nesta fig. I (n.ºs 1, 2 e 3) encontram-se tres exemplares de placas, que mostram os tipos usuaes da ornamentação. Proveem de Alcanena, Castelo de Vide e Avis.

Na parte superior dos ídolos depara-se-nos uma certa uniformidade figurativa. Na

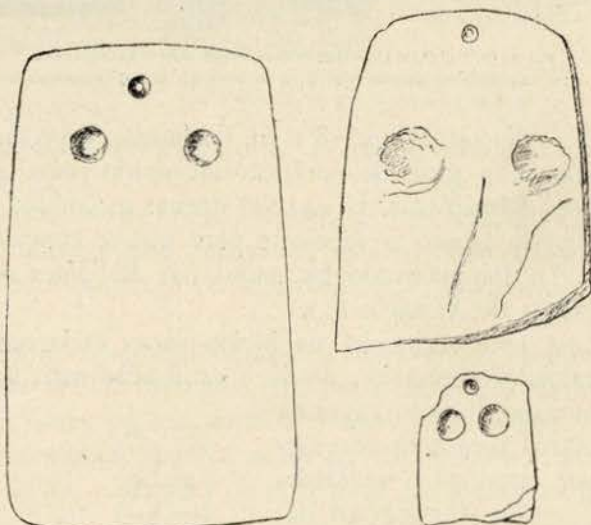


FIG. V (N.ºs 10, 11 e 12) — IDOLOS-PLACAS DE UMA ANTA DA HERDADE DE PORTUGAL (NONTARGIL), DA ANTA DO CONSIDREIRO (TERMO DE PAVIA) E DA GRUTA DO CABEÇO DA MINISTRA (ALCOBAÇA)

## OS IDOLOS-PLACAS

parte inferior, porém, mostram-se, ora os triangulos, ora os quadrados, ora as faixas em zigue-zague, horisontaes ou verticaes. O ornato de triangulos é o mais frequente.

Na fig. II (n.ºs 4 e 5), aparece-nos um idolo, onde já nitidamente se vincam os riscos que indicam os ombros, que, logo na placa seguinte, se desenhavam por completo, embora bastante alteados. Na fig. III (n.ºs 6 e 7), os ombros tomaram já a posição normal.

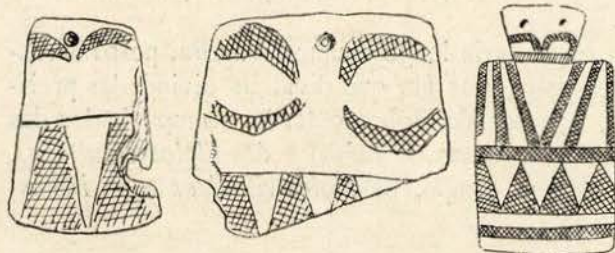


FIG. VI (n.ºs 13, 14 e 15) — IDOLOS-PLACAS DAS GRUTAS DE ALCANENA, DE UMA ANTA DE BRISSOS (PAVIA), E DE ESPANHA (COLEÇÃO ROTONDO)

Exemplares semelhantes aos dos n.ºs 4 e 5, encontraram-se em Marvão, Pavia, Ponte de Sôr, etc. Os do gosto do n.º 7, são vulgares no Alentejo e na Estremadura espanhola — Marvão, Garrovilas, S. Vicente de Alcantara, etc.

Na fig. IV (n.ºs 8 e 9), finalmente, reproduzem-se dois exemplares que representam o mais alto grau de perfeição alcançado pelos artistas neolíticos e eneolíticos na figuração dos idolos-placas. Já não são apenas os ombros a revelarem-se, mas até os braços, apartados do tronco o suficiente para que se compreenda a intenção dos autores. O exemplar n.º 9 foi publicado ha muito nas *Religiões da Lusitania*, vol. I; o n.º 8 apareceu nas grutas de Alcanena (1).

Esta seriesinha de idolos-placas esclarece já um pouco a marcha da evolução, e o caminho percorrido desde a estilisação mais barbara á mais barbara figuração do busto humano. Passemos agora a outros pontos de não menor interesse e novidades

Na decoração das placas de desenho estilizado aparecem, por vezes, motivos de carater antropomorfo, que devem ser recolhidos com cuidado e divulgados, para que se torne cada vez mais solida a atribuição religiosa que se faz destes interessantes exemplares preistóricos.

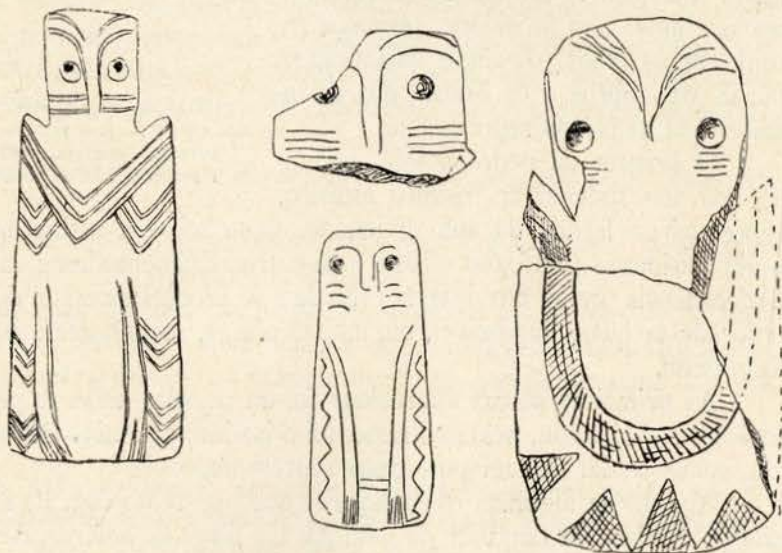


FIG. VII (n.ºs 16, 17, 18 e 19) — IDOLOS-PLACAS DE IDANHA-A-NOVA, ALCANENA, ESPANHA (COLEÇÃO ROTONDO) E ALCOBAÇA

(1) Nestas grutas (Galinha e Carrascos) realisoou o sr. Almeida Carvalhaes, empregado do M. Etnologico, ha uns 8 ou 9 anos, uma importante exploração, arqueologica. Os objectos encontrados acham-se expostos, desde então, no Museu, onde tomei os apontamentos e desenhos referentes a esta e as outras placas da mesma proveniencia que reproduzo no meu estudo.



## OS IDOLOS-PLACAS

Entre esses motivos, a representação dos olhos ocupa um lugar primacial, e sobre variedades da sua figuração se baseiam as divisões que em seguida enumero.

Na fig. V (n.ºs 10, 11 e 12), reproduzem-se idolos-placas de uma anta de Montargil (Herdade de Portugal), da gruta do Cabeço de Ministra (Alcobaça) (1) e da anta do Considreiro (Pavia), onde os olhos são indicados por duas covinhas, cavadas logo sob o orificio de suspensão. O resto das placas é liso, sem mais ornamentação.

Na fig. VI (n.ºs 13, 14 e 15), os idolos-placas figurados não representam propriamente os olhos, mas o arco que os envolve. O exemplar n.º 13 é da gruta de Alcanena, o 14 de uma anta de Brissos (Pavia), o n.º 15 de Espanha (Coleção Rotondo, no Museu Antropologico de Madrid).

A fig. VII é uma das mais interessantes da serie. Os idolos são ahi representados com a tatuagem facial e com a indicação das sobrancelhas, coincidindo os olhos com os furos de suspensão. O n.º 16 é de Idanha, o 17 de Alcanena, o 18 de Espanha (Coleção Rotondo), o 19 das grutas de Alcobaça.

Na fig. VIII, finalmente, reproduzem-se os nossos já conhecidos idolos-placas de Mertola e Ponte de Sôr, com a figuração dos olhos e da tatuagem. Um novo exemplar, com os olhos também nitidamente indicados, e de um tipo um tanto diferente do dos restantes exemplares apresentados, aparece na fig. IX. Essa placa pertence ao Museu de Elvas, e provem de uma anta dos arredores de Barbacena (2).

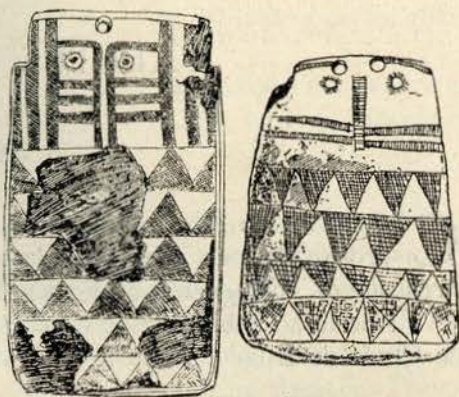


FIG. VIII (N.ºs 20 e 21) — IDOLOS-PLACAS DOS CONCELHOS DE PONTE DE SÔR E DE MERTOLA

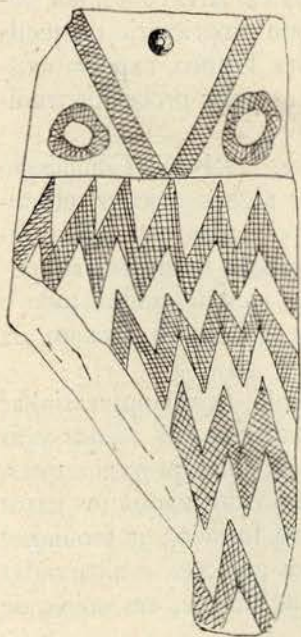


FIG. IX (N.º 22) — IDOLO-PLACA DE BARBACENA (ELVAS)

Que divindade representam todos estes exemplares?

De certo a mesma divindade feminina que se manifesta por toda a Europa neolítica e eneolítica, e de que tão belos specimens tem sido reproduzidos nos ultimos anos; a mesma que representam os idolos-esculturas e os idolos-cilindros aparecidos em Portugal, em Espanha e em França; a mesma que surgiu nos estratos arqueologicos de Anghelu Rujju (Sassari), de Razet em Coizard, de Hissarlick, de Creta, de cem variados lugares da enorme bacia mediterrânica!

(1) M. Vieira Natividade, *Grutas de Alcobaça*, Est. IX, n.º 82.

(2) Os idolos-placas n.ºs 1, 3, 4 a 11, 13 e 14, 16 e 17, 20 e 21, pertencem ao M. Etnologico; o n.º 2, á Comissão Geologica; os n.ºs 12 e 19, á coleção V. Natividade; os n.ºs 15 e 18, á coleção Rotondo (Madrid); o n.º 22, ao Museu de Elvas.

Os n.ºs 1 a 9, foram reduzidos a  $\frac{1}{3}$ ; os n.ºs 13, 15, 17 e 19, a  $\frac{1}{2}$ ; o n.º 20 tem 0,136 de alt.; o n.º 21, 0,182 de alt.; o n.º 22, 0,18 de alt.

## TAPETES DE ARRAYOLLOS

### A NOSSA EXPOSIÇÃO

CONSTITUIU um verdadeiro successo artistico a *Exposição de tapetes de Arrayollos* promovida pela *Terra Portuguesa* e realisada, de acôrdo com a *Associação dos Archeologos Portugueses*, no Edificio Historico do Carmo.

Aberta ao publico desde o dia 12 de Março, em que foi inaugurada com a assistencia do Chefe do Estado, n'ella figuram cêrca de oitenta exemplares de todas as epochas da inter-

interessante industria artistica caseira do Alemtejo, desde as copias rigorosas das ricas tapeçarias persas aos enxalmos, ingenuos e galantes, do fim do seculo xviii.

A par dos velhos tapetes, como que a assegurar que a decahida arte arrayollense ha-de em breve resurgir, vêem-se os bordados modernos, quasi todos inspirados, nos desenhos e na polychromia, em antigos padrões.

Por ultimo, a officina da Escola Industrial da Casa Pia de Evora e a que moderadamente foi montada em Arrayollos, por iniciativa do importante proprietario d'aquella villa, sr. João Piteira Franco, expõem mostruarios de lãs tintas pelos processos tradicionaes.

N'uma «vitrine», resolveu a Comissão organisadora reunir alguns objectos ethnographicos do Alemtejo, para que mais completa fosse a consagração da nossa arte popular — aquella que melhor traduz todo o sentimento da raça e todo o encanto da terra.

Assim, estão alli as esculpturasinhas dos barristas de Extremoz; as *córnas* e as colheres bordadas á navalha, pelos *maioraes*, nas horas de descanso dos gados; os gatos de chaminé, de ferro forjado; os saquinhos de ir ás festas, com corações e albarradas

floridas; as pás de brazeira, de cobre trabalhado; e um adufe que tangeu, em noites de São João, nas ruas medievaes da velha Evora. . .

Uma roda de fiar, toscamente talhada, evoca o labor das fiandeiras alemtejanas, em



JOSÉ PEDRO, O «AJUDA» DO REBANHO DE ARRAIOLLOS,  
QUE FIGUROU NA EXPOSIÇÃO

## TAPETES DE ARRAIOLOS

longas noites de serão. N'um recanto da historica ruina, ao ar livre, está um pequeno rebanho, vindo expressamente de Arrayollos, metido no seu *bardo* de corda de esparto, guardado por um *ajuda* vestido rigorosamente á alemtejana.

Tal é, em resumo, o certamen que a *Terra Portuguesa*, cumprindo um programa que a si propria impoz, conseguiu levar a effeito — a primeira de uma serie de exposições ethnographicas, cuja realisação procurará promover.

Expõem tapetes os Ex.<sup>mos</sup> Srs. Fortunato Abecassis, dr. José d'Alvellos, Manuel Mira Amaral, D. Maria Arantes, Domingos Pinto Barreiros, D. Antonia Bivar, D. Marianna Emilia do Carmo, Conde do Cartaxo, D. Angelica Perdigão de Carvalho, D. Maria Perdigão de Carvalho, Henrique da Fonseca Chaves, Dr. José Joaquim Coimbra, D. Maria H. Moreira d'Almeida de Magalhães Colaço, D. Alice Correia, D. Abigaíl de Paiva Cruz, Dr. Alfredo da Cunha, Luiz Fernandes, José Joaquim Franco, D. Lucrecia Ramalho Franco, Anselmo Braamcamp Freire, Antonio Elias Garcia, José Lino Junior, Eurico Lima de Magalhães, D. Joaquina Felix Mira, D. Maria Camara Manuel Mira, D. José Pessanha, D. Sebastião Pessanha, Empresa do «Povo de Arrayollos», D. Marianna Mira Queiroga, José Queiroz, Joaquim Rasteiro, José Relvas, D. Edeltrudes da Camara Rodrigues, D. Jacinta Leal Rosado, Alberto Sousa, D. Zulmira Franco Teixeira, D. Beatriz Dias Viegas.

As peças de mobiliario e de ceramica que figuram na Exposição e os objectos expostos como *Coisas do Alemtejo* pertencem ás Ex.<sup>mas</sup> Senhoras Viscondessa de Alemquer e D. Maria Luiza da Cunha Menezes Braamcamp Freire, aos Ex.<sup>mos</sup> Srs. Domingos Pinto Barreiros, Dr. Antonio A. de Carvalho Monteiro, Dr. Alfredo Bensaude, Henrique Vianna, Victor Rollin Santos, D. José Pessanha, José Queiroz, Dr. Virgilio Correia, D. Sebastião Pessanha e Alberto Sousa e aos antiquarios de Lisboa, srs. Luiz da Costa e Krus, Limitada.



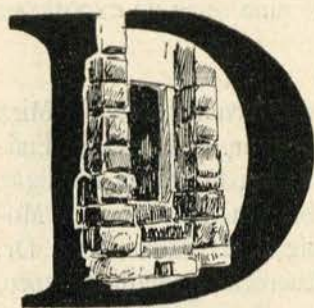
### O «POVO DE ARRAIOLOS»

Com este titulo e dirigido por José Féria, um rapaz cheio de vida e de talento, começou, no ano findo, a publicar-se em Arraiolos este excelente semanario.

Não podemos deixar de nos referir, de uma maneira muito especial, á energica, eficaz e amavel solicitude com que esse jornal de um novo, nos acompanhou durante toda a campanha de exposição de tapetes. Por intermedio deste jornal e do seu Director, recebeu a Comissão organizadora, da parte do povo de Arraiolos, as mais penhorantes e inesqueciveis provas de solidariedade e coadjuvação. Cordealmente agradecemos umas e outras.

Dois numeros especiaes publicou o *Povo de Arraiolos* durante o tempo em que a nossa Exposição se manteve patente ao publico. No primeiro desses numeros, depois de um entusiastico artigo de abertura, do director, aparece-nos a seguinte colaboração: *Ouvindo José Queiroz* — J. F.; *De Arraiolos a Evora*, — José Queiroz; *Tapetes de Arraiolos* — I. Sua classificação por epocas — *Do primeiro periodo á decadencia* — D. Sebastião Pessanha; *Azulejos datados de Arraiolos* — *A misericordia* — Vergilio Correia; *Os tapetes de Arraiolos* — *Subsidios para a sua historia* — S. Dordio Gomes; *O templo romano de Santana do Campo* — Vergilio Correia (transcrição); *Tapeçarias de Arraiolos* — João Nill; *Tapetes de Arraiolos* — J. C.

## ARCOS ROMANOS DE PORTUGAL



AS seis provincias em que se dividia, ao tempo de Diocleciano, a *dioecesis Hispaniarum* — Bética, Lusitania, Carthaginiense, Gallaecia, Tarraconense e Mauritania Tingitana —, o Portugal de hoje assenta em territorios de tres, ocupando terras que pertenceram á Lusitania (do Douro ao Guadiana), á Tarraconense (do Douro ao Minho) e á Bética (margem esquerda do Guadiana).

Embora, porem, em todos os recantos da nossa boa terra portuguesa afluem ainda, á superficie do solo, os alicerces de edificios que pertenceram a agregados, ruraes ou citadinos, lusoromanos, poucas regiões dela conservarão tantos e tão valiosos documentos desse periodo como o territorio do *conventus pacensis*, que abrangia toda Estremadura transtagana, o Alentejo e o Algarve.

E' neste que se nos deparam, com maior frequencia, inscrições, mosaicos, louças, moedas e, por maravilha quasi, edificios ainda de pé, embora roçados fortemente da corrida acelerada dos anos, como os templos de Evora e Santana do Campo (Arraiólos), as muralhas de Evora, as térmas de Milreu e os arcos de Evora, Beja e Vila Viçosa.

Ora, destes poucos edificios ainda de pé, devemos, quando mais não seja por caridade para com os vindouros, arquivar os aspetos e os planos. Deixar perder qualquer migalha do que nos ficou desse passado, se não glorioso, pelo menos feliz, é, mais do que incuria, quasi um crime.

Tendo conseguido reunir um certo numero de fotografias de um dos mais curiosos aspetos da construção romana, os arcos dos portaes de carater monumental, aqui as trago, apenas numa intenção documental, aos leitores da *Terra Portuguesa*.

Não pensem, porem, esses leitores que vão deparar com arcos de triunfo, como os de Roma e Orange, ou, sequer, com portas monumentaes, bastante simplificadas, como as de Merida. Se as tivemos, levaram-nas todas a onda das invasões ou a sanha dos assédios, a boçalidade dos antepassados ou a furia civilisadora das edilidades. De um arco monumental, revestido de marmores, se sabe

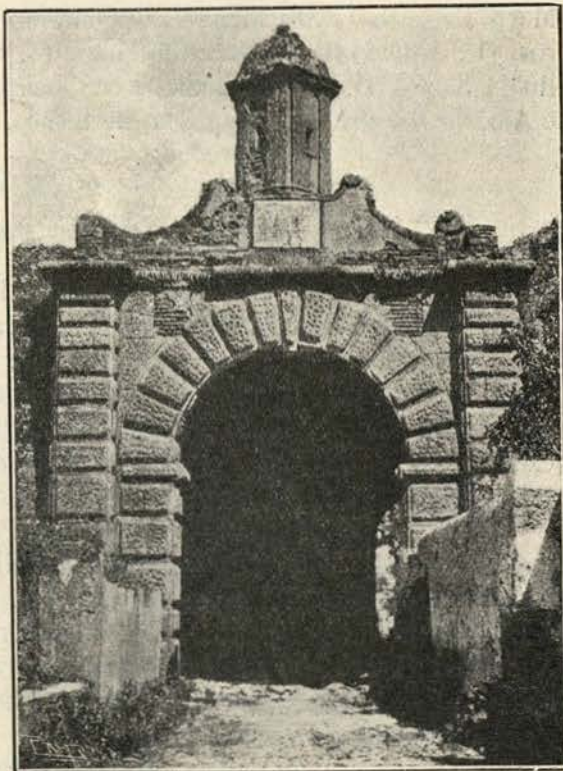


FIG. I — ARCO ROMANO DE ARAMENHA, HOJE DESTRUIDO

## ARCOS ROMANOS DE PORTUGAL

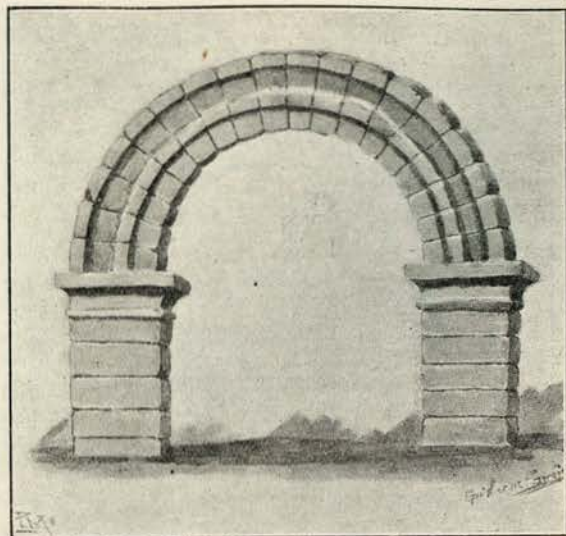


FIG. 2 — BEJA. PORTA DE EVORA, (DESTRUIDA)  
(Segundo um desenho antigo)

Um dos mais interessantes de todos era, sem duvida, o de Aramenha, — povoado distante umas tres leguas de Portalegre, — que foi levado para Castelo de Vide (fig. 1) em 1710 e colocado numa das entradas desta vila, até que em 1891 (1) vandalica e inutilmente o destruíram.

Dos tres arcos representados nas figuras 2, 3 e 4, e que pertenceram a antigas entradas da cidade de Beja, só o ultimo se conserva de pé, tendo os dois primeiros sido desmanchados, e o de Aviz, ainda não ha muitos anos, em 1883.

O que existe, fica por traz do Largo da Piedade, às portas de Evora, dentro de um quintalorio do predio que tem o n.º 2 e é pertença do sr. Eduardo Rego, e ergue-se, afogado de construções de pequeno porte, entre dois cubelosinhos da muralha medieval, apenas afastado uns 20 metros de uma das esquinas da celebre Torre Menagem, de Beja, que é, diga-se de passagem, do mesmo gosto e quasi tão interessante como a de Estremoz, e fundação do mesmo monarca.

Todos os tres arcos os reproduzo de aguarelas expostas no Museu Etnologico e

(1) Cesar Videira. *Memoria historica da muito notavel vila de Castelo de Vide*. — Lisboa, 1908. A destruição começou em 2 de novembro de 1891.

como desapareceu. Era o que ficava ao tópo da praça do Geraldo, em Evora, e que o cardeal D. Henrique mandou apear para lhe ceder os marmores aos seus amigos jesuitas da Universidade. Como hoje ficaria bem o monumento naquela praça, tão característica ainda, que eu julgo, pela sua forma retangular, e pela propria existencia do arco, ter sido o *forum* da cidade, o autentico *forum* da Evora imperial!

O que nos resta, ou o que nos restava ainda ha pouco, é apenas uma meia duzia de portaes de volta redonda, fortes e bem lançados, erguidos no seu primitivo lugar ou transportados para longe, a quem a silharia grossa dos seus encostos ou aduélas tem protegido, eficazmente, contra os homens e contra o tempo.

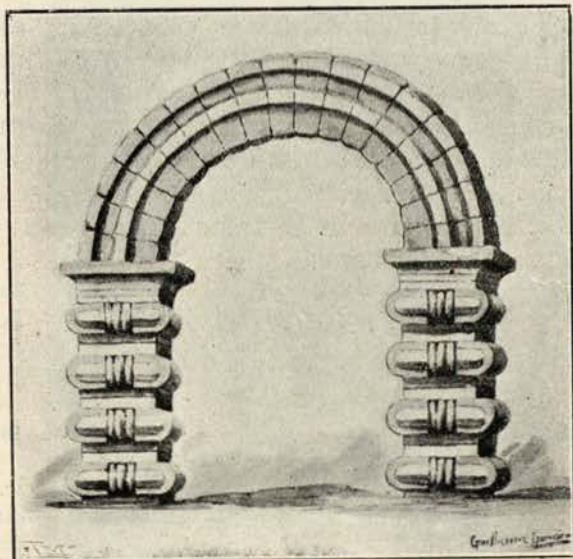


FIG. 3 — BEJA. PORTA DE AVIZ, (DESTRUIDA)  
(Segundo um desenho antigo)

## ARCOS ROMANOS DE PORTUGAL

feitas pelo malgrado e modesto artista que foi Guilherme Gameiro, que copiou, os das figuras 2 e 3, provavelmente, de antigos desenhos existentes na Biblioteca de Evora, e o da figura 4, do natural.

Seguindo as informações que acompanham as próprias aguarelas, e aproveitando as referencias de Gabriel Pereira, que, em 1895, descreveu as portas e as vulgarisou, e as do sr. Chritovam Ayres (1), convence-me de que a figura 2 representa a *Porta de Evora*, e a figura 3, a *Porta de Avis*.

E o arco da figura 4? Esse, que na aguarela de Gameiro aparece apenas designado por «arco romano de Beja», é, em verdade e afinal, a unica, verdadeira e antiga porta romana de Evora. E vou explicar porquê.

Numa brochura intitulada *Beja no anno de 1845* (Funchal-1847), encontram-se referencias ás portas antigas da cidade. No capitulo II do folheto, lê-se: «Cingem ainda a cidade de Beja os muros que os Romanos construíram, nos quaes existem tres portas (ainda do tempo deles), que são: a de Aviz, a de Mertola, e antiga de Evora, da qual só aparece o portico tapado, junto da Torre de Homenagem». Segundo o autor, portanto, o arco entaipado junto da torre é o das antigas portas de Evora; de acôrdo com a descrição e localisação que fiz, esse é tambem o representado na figura 4.

Havia então duas portas romanas de Evora, e situadas a tão curta distancia, que, entre o arco erguido e desconhecido (2) e o estreita-

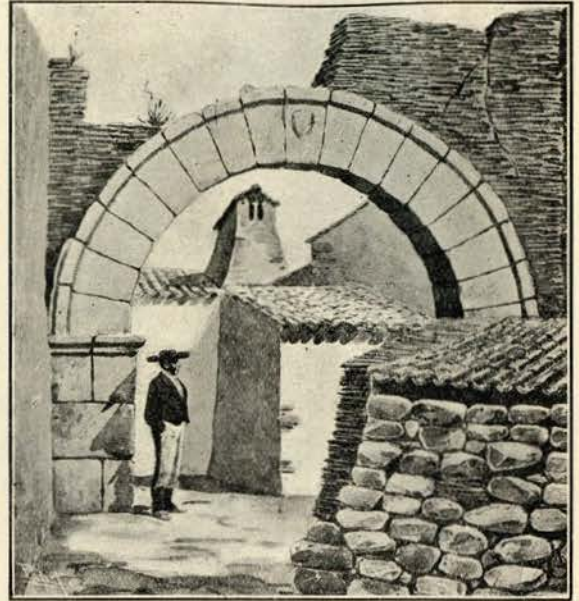


FIG. 4 — BEJA. ANTIGA PORTA DE EVORA  
(Aguarela de G. Gameiro)



FIG. 5 — EVORA. ARCO ROMANO, HOJE CHAMADO «DE DONA IZABEL»  
(Fot. Mesquita de Figueiredo)

(1) Cfr. *Boletim da A. dos Archeologos*. — Lisboa 1895, pag. 26, e Cristovam Ayres na *Hist. do E. Português*, vol. I, pag. 448 e vol. II, pag. 226-228.

(2) Este arco é, ainda hoje, desconhecido de grande parte dos habitantes de Beja. Felicitemo-nos com esta ignorancia. Se ele estivesse situado nalguma rua ou praça, já teria, decerto, ido abaixo, como os outros.

Embora no volume VIII (1903), a pag. 165, o sr. Leite de Vasconcelos se arrogue a prioridade da descoberta deste arco — «...perto do castelo da cidade e das antigas *portas de Evora*, hoje destruidas, existe um arco ou porta romana de que ainda não vi noticia escrita...» — o certo é que tanto o autor da

## ARCOS ROMANOS DE PORTUGAL



FIG. 6 — ARCO DA BOBADELA (OLIVEIRA DO HOSPITAL)  
(Fot. Francisco Loureiro)

virada para o exterior, uma saliência que o sr. Leite de Vasconcelos já notou. Segundo me informaram, o dono do quintal, tendo mandado limpar da terra e vegetações parasitarias a saliência, verificou que ela representava uma cabeça de touro, em relevo, do mesmo gosto de outras aparecidas na cidade. Hoje, nada de preciso se distingue.

O arco romano de Evora (fig. 5) é suficientemente conhecido, havendo até dele uma reprodução em postal ilustrado. O aspeto que se reproduz é, porem, inedito. A figura n.º 6 representa o celebrado arco da Bobadela.

O ultimo arco reproduzido é o da entrada do velho palacio ducal dos Braganças, em Vila Viçosa. O aspecto imponente do arco, a almofadagem *rustica* do aparelho e o facto de a silharia ser de granito — Vila Viçosa é terra de marmore e de schistos — levam-me a crer que o portal, que julgo romano, fosse trasladado para aqui de outro ponto, como sucedeu ao de Aramenha.

VERGILIO CORREIA.

brochura citada, em 1847, como o sr. Cristovão Ayres a pag. 448 do vol. I da *Hist. do E. P.* (1898), se referem a ele.

(1) Mais confiança ainda do que Cenaculo. E a razão disto é que o autor da brochura confessa ter á vista o «manuscrito de um homem imensamente laborioso, natural de Beja, por nome Felix Caetano da Silva, o qual reuniu com admiravel perseverança uma crescida soma de apontamentos, com o auxilio dos quaes começou a escrever umas *Memorias Historicas da cidade de Beja*».

mento do Largo da Piedade, onde as outras campeavam, antes da destruição, não medeiam talvez cem metros? Mas, nesse caso, porque as não cita, a ambas, o autor do folheto-*Beja no ano de 1845*, que me merece a maior confiança? (1) Seria esta nova porta de Evora transportada para aqui, de outro ponto?

Eis-nos em face de um problema de que não antevejo, por emquanto, a resolução.

A figura n.º 4, que data de 1903, não representa já com fidelidade o local, tal como hoje se encontra. O pedaço de muralha, que sobrecarregava o arco, veio abaixo; a chaminé do fundo desapareceu; e o casinhoto tosco do primeiro plano foi substituído por uma outra construçãozinha do mesmo teor. O arco, porem, permanece, felizmente, em bom estado. Mede 3<sup>m</sup>,66 entre os encontros, e tem, do fecho ao solo, 3<sup>m</sup>,71 de altura. A espessura dos encontros é de 0,77. A aduela que serve de fecho do arco, apresenta,

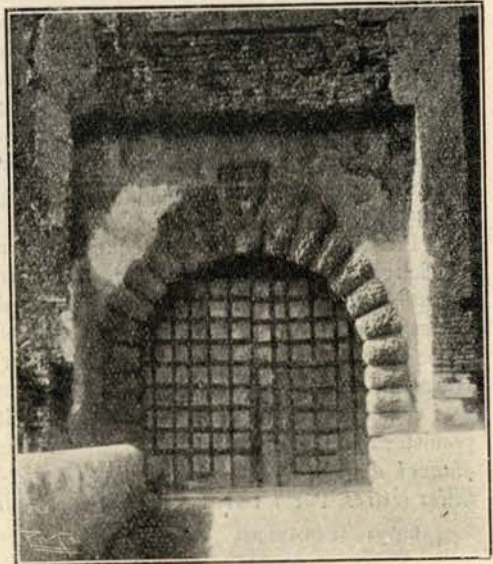


FIG. 7 — PORTA DO PALACIO DUCAL  
DE VILA VIÇOSA, PRESUMIDO ARCO ROMANO.  
(Fot. Vergilio Correia)

## NOTAS

### MOVIMENTO ARQUEOLOGICO EM ESPANHA

O progresso dos estudos arqueologicos em Espanha, nos ultimos annos, tem sido extraordinario e a elle já se tem feito nesta revista algumas judiciosas referencias.

A *Junta Superior de Excavaciones y Antigüedades*, de que é vice-presidente o senador e sabio archeologo Senhor Marqués de Cerralbo e de Almarza, acaba de publicar seis interessantes *Memorias* sobre as excavações subvencionadas pelo Estado na campanha archeologica de 1915: — *Excavaciones en Mérida* e *Excavaciones en Numancia*, por D. José Ramón Mérida; *Excavaciones en Clunia*, por D. Juan Calvo; *Excavaciones en el anfiteatro de Italica*, por D. Rodrigo Amador de los Rios; *Excavaciones en Punta de la Vaca (Cadix)*, por D. Pelayo Quintero Atauré; *Vias romanas del valle del Duero*, por D. Antonio Blazquez y Delgado Aguilera; e, ainda: *Relacion de las excavaciones autorizadas y de las subvencionadas por el Estado. Extractos de la ley y regulamentos vigentes. Rélation de los expedientes en que ha intervenido ó informado — 1915*. Para estas publicações chamo a atenção dos dirigentes do meu país: assim se dá nas nações cultas a verdadeira assistencia aos assuntos archeologicos, que, em Portugal, estão como que abandonados, ou monopolizados por funcionarios que pouco fazem, não consentindo tambem que os outros trabalhem.

A *Comision de investigaciones paleontológicas y prehistóricas* continua afanosamente com os seus trabalhos e publicações, tendo vindo até hoje a lume numerosas *Memorias* e *Notas*, do maior interesse, sobre assuntos de prehistoria peninsular.

O Senhor Raymond Lantier publicou no *Journal des Savants*, mars-avril de 1916, um bello artigo de síntese, intitulado: *Les grands champs de fouilles de l'Espagne antique (1900-1915)*; e, seguindo as pégadas do Professor Salomon Reinach, nas *Chroniques d'Orient*, outr'ora publicadas na *Revue archeologique*, de Paris, e as do Professor Camille Jullian, nas *Chroniques gallo-romaines*, que aparecem actualmente na *Revue des études anciennes*, iniciou a publicação, no *Bulletin Hispanique*, XVIII, 175-193, das *Chroniques ibéro-romaines*, cuja primeira serie abrange o periodo de 1914-1915 e vem cheia de preciosos dados bibliograficos e notas criticas muito valiosas.

O Senhor D. José Ramón Mérida, sabio director do Museu de Reproduções Artisticas de Madrid, erudito autor da *Iberia archeologica ante-romana*, deu-nos a *Arquitectura Dolmenica Ibera, Dolmenes de la provincia de Badajoz*, Madrid 1914, um trabalho de subido valor e que muito interessa aos archeologos portugueses, pela proxima vizinhança em que a região estudada está da nossa provincia do Alemtejo, a região portuguesa mais abundante em dolmens (1); e, na *Cronologia de las antigüedades ibéricas ante-romanas*, Madrid 1916, rasga novos horizontes aos dificeis problemas da cronologia peninsular.

Finalmente, o Senhor Marquez de Cerralbo, que já antes havia publicado a sua conferencia feita no *Congresso da Associacion Española para el Progreso de las Ciencias*, sessão de Madrid 1913 — *Torralba, la estacion humana más antigua de Europa entre las hoy conocidas*, cujas conclusões estão hoje contestadas, acaba de publicar a sua conferencia da sessão de Valladolid, do Congresso da mesma Associação — *Las necrópolis ibericas*, memoria de 97 paginas, com 49 figuras, em que relata desenvolvidamente os seus importantissimos descobrimentos archeologicos, que já eram conhecidos, em parte, por uma communicação — *Nécropoles iberiques*, feita ao Congresso internacional de anthropologia e archeologia prehistorica, Génève 1912, e, por referencias do malogrado archeologo Joseph Déchelette, no seu *Manuel d'archeologie préhistorique*, II, 687-692, e no *Compte-rendu de l'Academie des inscriptions et belles lettres*, Paris 1912, p. 433 — *Les fouilles du Marquis de Cerralbo*.

Lisboa, Março de 1917.

A. MESQUITA DE FIGUEIREDO.

(1) Cfr. E. Hernandez-Pacheco — *Pinturas prehistoricas y dólmenes de la región de Alburquerque (Extremadura)* Madrid 1916, Nota n.º 8 da *Comision de investigaciones paleontológicas y prehistoricas*.



## NOTAS

### A ANTA DO TORRÃO

Nessa tarde limpida e veludinea de abril ultimo — depois de termos deixado a carreteira que, de Elvas, conduz á propriedade famosa de Fõntalva — a *carrinha* rodava solavancante pelo caminho algarrento da herdade do Torrão, quando o meu presado amigo o sr. Josè Alves da Capella e Silva, abastado lavrador de Santa Eulalia, me disse de subito:

— Olhe: lá está a anta...

Olhei curioso e distingui-a nitidamente lá no cimo, no cocuruto d'um outeiro, á esquerda, recortando-se, com dureza, no azul palido do céu imenso e immaculado.

— Vamos vê-la? — convidei eu.

— Vamos; anuiu o sr. Antonio José Torres de Carvalho, benemerito editor, conservador do Museu Arqueologico, e bibliotecario da Biblioteca Municipal de Elvas, nosso amavel companheiro na excursão.

Apeámo-nos, portanto, os tres; e, enquanto o cocheiro do sr. Capella e Silva conduzia a *carrinha*, puxada galhardamente por uma bela parilha de mulas novas e vigorosas, para uma curva do caminho, um pouco distante, onde deliberáramos tomar novamente o carro, começámos subindo a encosta, de vagar, num passo lento, em direcção ao cume do outeiro, sob o sol forte e glorioso, cujos raios abrazadores e intensos, incidindo a pino sobre nós, nos amolengavam, dando-nos essa preguiçosa languidez que só o sol tropical do Alemtejo dá.

Depois de termos caminhado para nordeste uns dois mil metros, aproximadamente, chegámos, afinal, junto da anta, que os meus amigos, ao almoço, tinham exaltado e encarecido como um dos mais interessantes monumentos megalithicos da região; mas, confesso, a impressão em mim produzida por esses formidaveis penedos, enterrados virilmente no solo insensível, não foi das mais emocionantes — se bem que fosse a primeira vez que os meus olhos de mortal contemplavam uma anta — pois a achei, no seu conjunto, muito modesta. Todavia — sentindo aguilhoar-me soberano, no meu intimo, esse respeito venerante que tenho pela antiguidade e, sobretudo, pelas manifestações esteticas desses remotissimos antepassados, que, rudemente, já tacteavam a Arte — analisei com imensa curiosidade esse monumento barbaro, verificando que a *mesa* que o cobria resvalára de ha muito em terra. Medi depois as suas pedras e tirei a planta que apresento aos leitores da *Terra Portuguesa*, pois, que eu saiba, ela não foi ainda publicada.

E, depois de havermos descido pelo lado mais suave da encosta, — o lado sul — *semeado* agora de cardos, tojo, e... calhaus — baixando-se, de quando em quando e de balde, o meu bom amigo Capella para esgravatar no chão, na miragem de preciosos objectos prehistoricos enterrados ali, — subimos, novamente, para a *carrinha*, que nos conduziu, afinal, ao monte do Torrão, onde eu ia com o fim exclusivo de encontrar novos elementos — por meio da observação directa, pessoal, da paisagem e da topografia do terreno circumjacente — para poder determinar, com rigor, qual foi a terra feliz que viu nascer Bernardim Ribeiro, o dolorido autor da *Menina e Moça*.

Os resultados obtidos nessa recente investigação historico-literaria, muito brevemente os comuniquei, elucidados por documentos ineditos, aos que se interessam ainda pelos homens eminentes, pelas glorias veridicas desta pitoresca e heroica terra portuguesa.

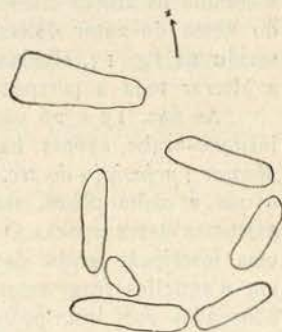
Elvas, maio de 1916.

PATROCINIO RIBEIRO.



### AS ILUSTRAÇÕES DA HISTORIA DE PORTUGAL DE A. HERCULANO

A livraria Aillaud & Bertrand acaba de publicar, em setima edição, a *Historia de Portugal* de Herculano. Esta edição apresenta, entre outras vantagens sobre as precedentes, o ser ornada de gravuras e mapas historicos, executados debaixo da direcção do sr. Pedro de Azevedo, conservador do Archivo



PLANTA DA ANTA DO TORRÃO

## NOTAS

Nacional. Não podemos felicitar o ilustre arquivista, que nos dizem ser um distinto paleografo, pela orientação que deu à ilustração da Historia de Portugal: sobretudo algumas ilustrações do I tomo, que abrange a Introdução, foram pessimamente escolhidas. A fig. 2, «Pontas de seta, de sillex, encontradas no castro de Pragança (Cadaval)», as figs. 3, 4 e 5, objectos da epoca bronze, não sabemos ao que veem, a ilustrar um escripto onde não ha a menor referencia às epocas prehistoricas: o mesmo se dá com relação às figs. 6, 7 e 8: vasos gregos d'Alcacer do Sal, inscripção iberica do sul, espada de ferro de Alcacer do Sal. As figs. 12, 13 e 14 representam, respectivamente, as duas primeiras as muralhas romanas de Condeixa-a-Velha (Conimbriga), e a ultima as ruinas romanas de Troia, defronte de Setubal. E' notavel que, tendo o sr. Azevedo o cuidado de mencionar no *Indice das ilustrações*, publicado a pag. 261-267, as fontes d'onde as tirou, chegando até, para as figs. 17 e 18, aspectos da Citania de Briterios, a indicar a *Ilustração Portuguesa*, de 11 de abril de 1910, esquecesse a origem das figs. 12 e 14, reproduções dos postaes n.ºs 1389, 1390 e 1396, da coleção Faustino Augusto Martins, Praça Luiz de Camões, 35, Lisboa, cuja marca muito bem se vê nas figuras, postaes ilustrados com clichés nossos, indicação que vem no proprio postal. Não discutimos o facto do sr. Azevedo ter escolhido os nossos clichés para ilustrar a Historia de Portugal; mas protestamos contra o esquecimento do nome do autor delles, e, sobretudo, contra os retoques que foram feitos no nosso cliché, de que se serviu na fig. 13, eliminando uma arvore que está no primeiro plano, à direita e retocando-o de modo a alterar toda a perspectiva da muralha romana, falseando assim inutilmente a documentação grafica.

As figs. 15 a 26 não tem igualmente a menor relação com o texto. Para ilustração da epoca lusitano-arabe apenas ha a fig. 27, «Cofre da Sé de Braga, com inscripção arabe, do tempo de Al-Mansor (princípio do sec. XI)», e no tomo II, fig. 12, «Moeda arabe cunhada em Merlola por Ibn Kasí», o que é muito pouco, atendendo às bastas referencias do texto aos arabes e à abundancia de material existente dessa epoca. O sr. Azevedo, que publicou uma inscripção iberica (fig. 7), não publica nem uma inscripção arabe das muitas até hoje aparecidas no territorio português, nem uma lampada, nem um d'aquelles fragmentos ceramicos em relêvo, tão característicos, nem um dos bellos capiteis arabes adornados com inscripções em caracteres cuficos, que estão no Museu arqueologico de Santarem, e já foram reproduzidos por Zeferino Brandão, nos *Monumentos e lendas de Santarem*, Lisboa 1883 (1), ou um dos capiteis aparecidos nas ruinas duma edificação arabe no castelo de Montemor-o-Velho e hoje se guardam nos museus Machado de Castro em Coimbra e Arqueologico de Evora. Nas figs. 29 e 30, representou «Crucifixos neo-visigothicos — Museu Etnologico Português» sem indicar a procedencia, objectos que bem podem não ser autenticos, mas esqueceu, e o esquecimento é imperdoavel, numa publicação do genero da Historia de Herculano, a celebre *Cruz processional de D. Sancho*, feita em cumprimento duma disposição testamentaria de D. Sancho I, pertencente antigamente ao mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, e hoje no thesouro da Casa Real, objecto que figurou em varias exposições e tem sido descrito e figurado repetidas vezes (2).

A pag. 287-288 do tomo VIII da Historia de Portugal, escreve o sr. Azevedo: — «se foi relativamente facil encontrar manuscritos e sélos das epocas descritas, outro tanto não succedeu com os monumentos cristãos». Ora, Balsemão, Lourosa e tantos outros monumentos românicos, preciosamente inventariados pelo benemerito artista portuense sr. Marques d'Abreu, estão conhecidos e fotografados ha muito, e até uma exposição muito notavel dessas fotografias foi feita no Porto, já em 1914: o sr. Azevedo, porem, só conhecia S. Pedro de Rates, de que reproduz varios trechos, no tomo VI.

Lisboa, fevereiro de 1917

A. MESQUITA DE FIGUEIREDO.

(1) E, anteriormente, pelo mesmo A. n-*O Occidente*, V, 1882, p. 190 e 192 — no artigo: *Vestigios de construção arabe em Santarem*.

(2) A. Filipe Simões, *A exposição retrospectiva de arte ornamental*, Lisboa, 1882, p. 37-38. — Ramalho Ortigão, *Catalogo da Sala de Sua Magestade El-Rei, na exposição de arte sacra-ornamental*, Lisboa, 1895, p. 28-29. — *Ilustração portuguesa*, 2.ª serie, n.º 182, 16 de agosto de 1909, p. 210-214, artigo anonymo intitulado: *O thesouro sacro da Casa Real*. — Joaquim de Vasconcellos, *Ourivezaria Portuguesa*, in *Notas sobre Portugal*, II, Lisboa 1909, p. 236 e 262. — *O Occidente*, IV, 1881, p. 43-46.

## CRONICA

### PROF. H. BREUIL

Honra-nos hoje com a sua colaboração o ilustre arqueologo francês Henri Breuil, professor do Instituto de Paleontologia Humana de Paris (fundação do príncipe Alberto I, do Monaco), que é atualmente, sem contestação, o maior especialista latino em assuntos de paleontologia e arte rupestre.

O Prof. Breuil pôde orgulhar-se de ter sido um dos homens que mais influíram no resurgimento dos estudos preistóricos espanhoes. A sua vinda á Peninsula, as suas demoradas excursões atravez das provincias espanholas, os descobrimentos sensacionaes de um sem numero de monumentos de arte rupestre, entusiasmaram um escolhido grupo de scientists, que, por sua vez, se lançou á descoberta de monumentos similares.

Como homenagem e elemento de estudo, se publica a seguinte, decerto incompleta, lista de trabalhos seus, ou com sua colaboração, referentes a Espanha:

*La caverne d'Altamira à Santillana près Santander (Espagne)*, Monaco-1906; *L'âge des peintures d'Altamira*. «Revue Préhistorique», 1906; *Les cavernes de la région cantabrique (Monaco-1911)*; *L'âge des cavernes et roches ornées de France et d'Espagne*. «Revue Archéologique» XIX, 1912; *La Pasiega à Puente Viesgo (Santander-Espagne)*. Monaco-1913; *Institut de Paleontologie H.-Travaux executés em 1912*; «L'Anthropologie» XXIV, 1913.

I). *Les rochers peints de Calapatá à Cretas*, e II). *Les fresques à l'air libre de Cogul*. «L'Anth.» XX, 1909; III). *Los Toricos d'Albarracin (Teruel)*. «L'Anth.» XXII, 1911, e IV). *Les abris del Bosque à Alpera (Albacete)*. V) *Tortosilla a Ayora (Valence)*. «L'Anth.» XXIII, 1912; VI). *Les abris peints du Monte Arabi près Yecla, Murcie*; VII *Nouvelles roches peintes de la région d'Alpera, Albacete*, e VIII). *Les roches à figures naturalistes de la région de Velez Blanco, Almeria* «L'Anth.» XXVI, 1915, etc.

*Stations chelléennes de la Province de Cadix* «Institut Français d'Anthropologie», 1914.

*Algunas observaciones acerca de la obra de D. Juan Cabré, titulada «Arte rupestre en España»*. (Madrid-1916)

### EXPOSIÇÕES DE ARTE

Sousa Pinto e Sousa Lopes, dois grandes pintores nossos, ambos com a maior parte da vida passada no estrangeiro, fizeram em Lisboa, respectivamente em fins de 1916 e Março de 1917, duas exposições notaveis dos seus trabalhos a oleo, pastel, desenho e agua-forte. Pelo valor dos quadros apresentados, e pela sua quantidade—perto de 250 trabalhos de cada um dos pintores—essas exposições marcarão duas datas gloriosas nos anaes da Sociedade N. de Belas Artes.

Do valor das obras, falou suficientemente a critica dos jornaes, que, mais uma vez, os consagrou. Nem faltou aos grandes pintores a entusiastica, talentosa e excéccional apreciação de um grande critico de arte, o Dr. José de Figueiredo, que prefaciou os Catalogos.

## CRONICA

### A «TERRA PORTUGUESA» E O «INTEGRALISMO»

No seu n.º 12, a *Nação Portuguesa*, interessante revista dirigida pelo sr. Conde de Monsaraz, noticia o aparecimento da *Terra Portuguesa* e congratula-se pelo facto, visto que nós, no seu entender, não somos senão um novo campeão do «integralismo lusitano».

Agradecendo, penhoradíssimos, as amáveis expressões que nos foram dirigidas e que cordealmente retribuimos, temos contudo a declarar que, com o integralismo, nada podemos ter de comum. E isto pela simples razão de considerarmos tanto o nosso trabalho e a beleza dos assuntos de que nos ocupamos, que os não desejamos apoucar, subordinando-os a intuítos políticos.

### LIVROS

«*Anuari*» do *Institut d'Estudis Catalans, Any V-Part II* (Barcelona — 1913-1914): — O Dr. Pedro Bosch Gimpera, ilustre professor de Historia Antiga da Universidade de Barcelona, é um dos arqueólogos á volta de quem, e sob cujo impulso, se vae realizando o movimento de progressão dos estudos preistóricos de Espanha.

Alem da tradução que fez dos tres valiosos artigos do Dr. Hubert Schmidt sobre os principios da idade dos metaes em Espanha, e do seu magnifico estudo acêrca de *El Problema de la Ceramica Iberica*, o Dr. Bosch Gimpera publicou ha pouco tempo, em catalão, um interessante trabalho de divulgação, intitulado *L'Edat de la pedra*, onde são tratados, sob um aspéto todo moderno, os mais arduos problemas da preistória geral.

No ultimo *Anuari* do *Institut d'Estudis Catalans*, uma admiravel publicação, sem igual na Peninsula, e que extraordinariamente honra a sciencia catalã, aparece-nos vasta colaboração do ilustre arqueologo, em notas e artigos, como os que se intitulam: *Necropolis a Sant Genis de Vilassar*; *Sepulcre de Santa Maria de Miralles*; *Sepulcre a Guissona*; *Dos vasos de la primera edat del ferro trobats a Argenton*; *La ceramica de Hallstatt a Catalunya*; e *Campanya arqueologica de l'Institut d'Estudis Catalans al limit de Catalunya i Arago (Caseres, Calaceit i Maçalio)*.

Este trabalho é decerto o mais interessante de quantos se publicam, sobre arqueologia, no *Anuari*. Encanta lêr e vêr a documentação de um artigo desta ordem.

Mais notas do mesmo autor, acêrca da ceramica encontrada nas *Excavacions d'Empuries*, acêrca das excavações de Numancia durante os anos de 1913-1914, sobre *La necròpolis de Càdiç*, etc.; e ainda sobre *La colleccio de Preistoria al Museu de Sabadell*, e *Adquisicions de la colleccio Vives, de Madrid* (ceramica de Cienpozuelos e ceramica ibérica), completam a quota parte de trabalho com que o Dr. Bosch Gimpera enriquece a publicação do *Institut*.

«*Paleolitico de Cueto de la Mina (Asturias)*», por el Conde de la Vega del Sella (Madrid-1916). — A memoria n.º 13 da *Comision de Investigaciones* é um trabalho valiosissimo acêrca do paleolitico das Asturias. Cueto de la Mina, uma gruta situada na *meseta* de la Llera, perto da costa, onde o sr. Conde de la Vega del Sella encontrou, numa série de niveis archeologicos distintos, os vestigios de varias occupações do homem quaternario, ficará na preistória peninsular com um ponto de referencia de indispensavel conhecimento e compreensão.

Depois de nos descrever, numa fôrma literaria correctissima, a região e o local dos achados, o autor estuda e aprecia cada um dos niveis descobertos, que são: um aurignacense antigo e outro superior; um solutrense antigo e outro mais moderno, muitissimo rico; um madalenense inferior e um outro pleno; um aziliense; e, finalmente, um ultimo nivel, que denomina *preneolitico* ou *asturiense*, caracterisado pelo aparecimento de silices e quartzites, desacompanhados de ceramica e pedra polida.

Estou convencido de que muitas das estações portuguezas, até agora tidas por paleoliticas, pertencerão a esta nova divisão: Se outros merecimentos o livro não tivesse, esta indicação bastaria para justificar o seu valôr perante os nossos estudos archeologicos.

A obra consta de 94 paginas e vem acompanhada de XLIII laminas, que conteem centos de gravuras. Como documentação, é uma das mais completas que conhecemos. Não podemos, portanto, deixar de felicitar calorosamente o seu autor.

## CRONICA

«*Os Arquivos da Historia de Portugal no Estrangeiro*», por Antonio Ferrão (Coimbra-1916). — A necessidade, dia a dia mais reconhecida, de serem estudados e inventariados, nas bibliotecas e arquivos estrangeiros, os documentos relativos á Historia de Portugal, levou o sr. Dr. Antonio Ferrão, a elaborar o interessante trabalho que em 20 de julho de 1915 foi comunicado á Academia das Sciencias de Portugal, e ha algum tempo saiu em separata dos *Trabalhos* da mesma Academia.

Para se avaliar do valór desse estudo, basta indicar os titulos dos sete capitulos que o compõem e que tratam, respectivamente: I — Da urgente necessidade de organizar e publicar os catálogos de manuscritos das bibliotéas e arquivos portugueses; II — Dos serviços de catalogação em alguns arquivos e bibliotéas portuguesas; III — Da organização de alguns arquivos e bibliotecas do estrangeiro, sob o ponto de vista da elaboração e publicação dos seus catálogos; IV — Da importancia das missões de estudos historicos no estrangeiro; V — Das missões de estudo junto do Vaticano; VI — Dos manuscritos portugueses ou referentes a Portugal existentes em alguns arquivos e bibliotéas do estrangeiro; VII — Da necessidade de estudar as bibliotéas e arquivos estrangeiros sob o ponto de vista da historia de Portugal.

Destes capitulos, o II e o VI, especialmente, são de uma grande utilidade para todos quantos costumam consultar documentos antigos, pois que se indicam neles as principaes coleções de manuscritos portugueses ou referentes a Portugal, existentes dentro e fóra do nosso país. Este trabalho de heuristica ficará, decerto, como um dos mais valiosos publicados entre nós.

A *Função Social dos Estudantes*, por Antonio Sergio (Porto-1917). — Em edição da «Renascença», acaba o sr. Antonio Sergio de publicar a sua conferencia feita aos estudantes da Federação Académica, em 3 de Março de 1917.

O illustre escritor, a quem os estudos sociaes, agora, ainda mais do que a poesia, onde tão brilhantes produções nos deixou, occupam toda a actividade, quiz, nesta conferencia, mostrar como o estudante se deve preparar para intervir eficazmente na reorganização da sociedade portuguesa. Para nós, a parte mais interessante do seu trabalho é aquella que intitula: «Os movimentos regionalistas, pontos de apoio do movimento nacional».

Agradecemos ao illustre sociologo a citação que faz da nossa *Terra Portuguesa* e o interesse que lhe merece o nosso trabalho.

«*Sobre a abertura nasal no cráneo dos mamiferos*», por A. A. Mendes Corrêa (Coimbra-1916). — Em separata dos *Anaes da Academia Politécnica*, do Porto, publicou o sr. Dr. Mendes Corrêa, illustre assistente da Faculdade de Sciencias daquela cidade, um seu novo, valioso estudo de zoologia.

Na lista, já grande, das suas publicações, onde agora começam a tomar um lugar de destaque os trabalhos sobre preistória, este ultimo estudo salienta-se pela documentação e pela esplendida bibliografia que o acompanha.

«*Anuario da Casa Pia de Lisboa (1915-1916)*». — Com 553 paginas, mapas anexos, numerosas fotografias e desenhos, o ultimo *Anuario* da Casa Pia é a melhor e mais alta prova do quanto, sob a direcção intelligente e esclarecida do sr. Dr. A. Aurelio da Costa Ferreira, este estabelecimento de educação tem progredido. No *Anuario*, quer em documentos de character official, quer literario, fica arquivado tudo quanto de interessante para a vida da Casa se vae succedendo, seja dentro do proprio edificio, seja nos estabelecimentos seus dependentes.

«*A Aguiã*» — Continúa a publicar-se com regularidade esta bela revista. Os ultimos numeros saídos são os 61, 62 e 63, referentes ao primeiro trimestre do corrente ano. A *Renascença Portuguesa* continúa assim, para bem das letras-patrias, a cumprir o seu levantado programa de trabalho e fé. Que Alvaro Pinto, a alma da «Renascença», não desanime nunca, é o nosso maior desejo.

«*Atlantida*» — O ultimo numero publicado desta magnifica revista é o 17, referente a Março.

João de Barros consegue tornar, de numero para numero, mais valiosa, a sua publicação. O numero de Março traz esplendida colaboração do Director, Dr. Julio Dantas, Lopes de Mendonça, Manuel de Souza Pinto, Antonio Sergio, Matos Braancamp, Aquilino Ribeiro, Avelino de Almeida, etc.

«*Arte Românica*» — Com uma pontualidade digna de registo, tem sido distribuido, no dia 1.º de cada mês, um fasciculo desta primorosa obra, empreendida pelo distincto e benemerito gravador portuense Marques Abreu, com a valiosa collaboração do erudito archeologo, Joaquim de Vasconcellos.

## NOTAS

«*A Esphinge*» — Com este titulo começou a publicar-se em Lisboa uma interessante revista de literatura e arte, a quem desejamos o mais prospero futuro, e, cordealmente, agradecemos a amabilidade com que nos tratou no seu primeiro numero.

«*Alba*» — Recebemos o 1.<sup>o</sup> numero desta interessante revista de literatura e arte, dirigido pelos srs. Vasco Camélier, Francisco Calado e Mario Alves Pereira. Longa vida e prosperidades.

«*Agros*» — Dirigido pelo sr. Arthur Castilho, começou a publicar se, em janeiro uma revista de caracter agricola, orgão e propriedade da Associação dos Estudantes de Agronomia. Agradecemos o exemplar enviado.

«*Coimbra — Boletim de Defeza e Propaganda*» — Recebemos o n.<sup>o</sup> 3 desta valiosa e artistica publicação onde as belezas de Coimbra são enaltecidas e divulgadas como merecem. Felicitamos a *Sociedade de Defeza e Propaganda* pelo seu belo mensario.

«*Lusa*» — O nosso illustre colaborador de Viana do Castelo, sr. Dr. Claudio Basto, que acaba de publicar a 2.<sup>a</sup> edição da sua *Quebradura*, encetou ha pouco a publicação de uma folha de propaganda etnografica de que já saíram 3 numeros, e onde se reúnem importantes materiaes para o estudo de folk-lore minhoto.

«*Album dos Vencidos*» — Recebemos e agradecemos o envio do n.<sup>o</sup> 12, desta publicação ilustrada.

«*Os que triunfam*» — Pelo Dr. Sousa Costa — (Lisboa 1917). — Editado pela livraria Aillaud, saiu agora a 2.<sup>a</sup> edição deste belo romance do nosso presado colaborador, Dr. Sousa Costa.

Mais uma vez terá o numeroso e escolhido publico dos seus admiradores, ocasião de apreciar devidamente o temperamento privilegiado do artista, e a prosa vigorosa, ductil e expressiva do illustre escriptor, a quem calorosamente felicitamos.

«*O Presepio*» — Pelo Dr. Severo Portela (Porto 1917). — O nosso distintissimo colaborador, Dr. Severo Portela, escritor de talento e renome, que os leitores da *Terra Portuguesa* tiveram ocasião de apreciar devidamente, quer nas suas «*Limonadas das Romarias*», em que palpita toda a graça violenta e colorida das romarias arrabaldinas do Porto, quer nas «*Cascatas*», onde perpassa a ternura santificada das noites de S. João portuense, quer ainda nos «*Reiseiros da Maia*» ou nas «*Janeiras*» deste mesmo numero da nossa revista, acaba de publicar mais um livro de contos, a que deu o sugestivo e evocador titulo de «*O Presepio*».

«*Alem-Mar*» — Por João Cabral do Nascimento. — Um livro de versos cheio de mocidade e entusiasmo, de fé no futuro de raça, e de orgulho pelas passadas glorias. Agradecemos o exemplar enviado.

«*Estudis I Materials*» do *Arxiu d'Etnografia I Folk-lore de Catalunya*. — E' esta uma outra publicação catalã a que temos de nos referir honrosa e gostosamente. O *Arxiu d'Etnografia I Folk-lore de Catalunya* publicou, em volume, os seus trabalhos do ano 1915-1916, fazendo acompanhar esse estudo de uma vasta e escolhida bibliografia onde não esqueceu a menção da *Terra Portuguesa* — n.<sup>o</sup> 3.

Agradecemos aos illustres etnografos catalães a sua amavel referencia, e bem assim ao sr. Roca y Alberty, digno professor da Casa Pia de Lisboa, a apresentação que, quando em missão de estudo em Barcelona, fez da nossa revista ao *Arxiu d'Etnografia*.



## NOVO ANNO

Entra a *Terra Portuguesa*, com os n.<sup>os</sup> 13 e 14, referentes a Fevereiro e Março de 1917, no seu segundo ano de existencia.

Dificuldades enormes, derivadas da situação anormal que atravessamos, teem embaraçado o nosso caminho, e impedido, por vezes, a regularidade do aparecimento da revista. Sem alarde e sem lamentos, temos procurado vencer todos os obstaculos.

Desajudados de concurso official, temos vivido apenas do favor do publico. Com esse favor contamos para prosseguir numa obra que julgamos independente, benefica e patriotica. E' justo que, emquanto os outros se batem e a nossa hora não chega, concorramos com a nossa quota parte modesta para que a vida intelectual do nosso país não se interrompa ou afrouxe.

Iremos até onde fôr possivel ir.



## SERVIÇOS DE ADMINISTRAÇÃO

Podem requisitar-se, desde já, para a Administração desta Revista:

— Capas para encadernar o 1.º volume (n.ºs 1 a 6), gravadas a vermelho e preto, sobre linho nacional, ao preço de **\$50 (quinhentos réis)** cada.

— Capas para encadernar o 2.º volume (n.ºs 7 a 12), gravadas a azul e preto sobre linho nacional, ao preço de **\$50 (quinhentos réis)** cada.

— O 2.º volume, devidamente encadernado, ao preço de **1\$90 (mil e novecentos réis)** cada exemplar.

A segunda edição do n.º 1, que se achava exgotado, ao preço usual de **\$20 (duzentos réis)** cada exemplar.

Também nos encarregamos da encadernação do volume, nas mesmas capas, bastando, para isso, que nos sejam enviados os 6 números que o compõem, acompanhados da importância de **\$70 (setecentos réis)** por cada volume a encadernar.

Em todos estes preços estão incluídos o porte do correio e a embalagem.

Todos os pedidos devem vir acompanhados das respectivas importâncias.

---

<i>As cangas e jugos portuguezes de jungir os bois pelo cachaço</i> , por Eugeniusz Frankowski (Separata da <i>Terra Portuguesa</i> ).....	⌘20
<i>Azulejos datados — 1.ª série</i> (com muitas ilustrações), Dr. Vergilio Correia.....	⌘60
<i>Arrufadas de Coimbra</i> (Elementos para o estudo da doçaria portuguesa), por D. Sebastião Pessanha.....	⌘20
<i>Ensino profissional</i> (Tése apresentada ao Congresso regional algarvio), por D. Sebastião Pessanha.....	⌘20
<b>Etnografia artistica — Notas de etnografia portuguesa e italiana</b> , com 110 ilustrações, por Vergilio Correia.....	⌘80
Edição de «Renascença Portuguesa».	

**Pedidos á Administração**

